

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Mestrado
em Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas

Josiane Razera

Entre pétalas e espinhos: qualidade e violência na conjugalidade

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Denise Falcke

São Leopoldo, novembro de 2014.

JOSIANE RAZERA

Entre pétalas e espinhos: qualidade e violência na conjugalidade

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Denise Falcke

São Leopoldo, novembro de 2014.

R278e Razera, Josiane.

Entre pétalas e espinhos: qualidade e violência na
conjugalidade / por Josiane Razera. – 2014.

73 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
São Leopoldo, RS, 2014.

“Orientação: Prof.^a Dr.^a Denise Falcke”.

1. Violência conjugal. 2. Conflito conjugal.
3. Qualidade no relacionamento. I. Título.

CDU: 159.9:316.356.2

Catálogo na Publicação:
Bibliotecário Alessandro Dietrich - CRB 10/2338

De fato, esta dissertação é um dos resultados finais de muito esforço, dedicação e amor à Psicologia. Dedico esse trabalho a todas as pessoas que participaram de alguma forma para a sua construção.

Agradecimentos

E parece que este é o momento mais difícil, o qual busco representar em algumas linhas o enorme agradecimento que tenho pelas pessoas que participaram deste importante momento de desenvolvimento pessoal e profissional. Cada um, dos citados abaixo, participou de alguma forma para que hoje eu realize um dos meus grandes objetivos de vida, o de tornar-me Mestre em Psicologia.

Denise Falcke, minha orientadora, doutora em psicologia e doutora na arte de transmitir conhecimento. Você tem sido um exemplo de profissional e de pessoa, talvez não saiba, mas a sua presença nesta caminhada foi o que me deu maior segurança de que sim, seria possível. Sou muito grata por sempre ter depositado confiança no meu trabalho e sempre ter me impulsionado a ser e fazer mais. Quero continuar minha caminhada espelhando-me no seu trabalho, tendo a certeza que todas as dificuldades valem à pena, quando o que está em jogo é o desenvolvimento da nossa profissão.

Ao meu amado esposo Cláudio José Franz, uma pessoa admirável que faz acordar todos os dias sabendo que nele posso me amparar quando assim for necessário. Obrigada por tudo, por me incentivar, por acreditar em mim e por estar sempre disponível a me ajudar. Agradeço por sempre comprar meus objetivos de vida e lutar por eles como se fossem seus. Por fim, querido Cláudio, que minhas ausências possam ser supridas e eu te devolva tudo com muito amor.

Aos meus mais sólidos pilares de sustentação, João Razera e Ledi Razera, não há palavras, por vocês eu sempre buscarei ser melhor, pois quero ser motivo de orgulho para as pessoas que me ensinaram ser o que sou hoje e batalharam para ajudar a ter tudo que tenho. Sintam-se felizes, vocês contribuíram para as minhas maiores e mais felizes conquistas. Minhas irmãs, minhas amigas, Jana e Gio, muito obrigada por sempre apostar em mim e

vibrar junto por tudo que consegui, aos meus sobrinhos e cunhados, o meu muito obrigada por fazerem parte da minha família.

Aos meus amigos, pessoas maravilhosas que me apoiaram nesse desafio, respondendo questionários, entregando questionários para seus conhecidos, obrigada pela força e por não permitirem que as muitas tarefas nos afastassem. Aos colegas do grupo de pesquisa, NEFAV representados por: Marcela Madalena, Henrique Pereira, Patrícia Colossi, Karla Haack, Raquel Fuhr, Kamêni Rolim e Tatiana Angoneze. Vocês são ótimos, grandes colegas de profissão que tenho orgulho e que estou feliz por ter conhecido.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que participaram desta pesquisa, em especial aos casais que responderam questionários ou entrevistas, ou aqueles que indicaram alguém para que eu pudesse acessar, saibam que foram muito importantes para a realização deste trabalho. Também aos professores: Clarisse Mosmann, Laíssa Prati e Mauro Vieira por contribuírem com a construção deste trabalho.

Fica o meu muito obrigada a todos!

Sumário

Resumo.....	8
Abstract	9
Apresentação.....	10
Seção I - A interface entre a qualidade e a violência em relacionamentos conjugais	12
Resumo	12
Abstract.....	12
Introdução.....	13
Método	19
Participantes.....	19
Instrumentos	20
Procedimentos para coleta e análise de dados	22
Resultados	23
Qualidade conjugal	23
Violência conjugal	24
Correlações Qualidade e Violência	27
Discussão.....	30
Considerações finais.....	34
Referências bibliográficas	36
Seção II - Por que eles permanecem juntos? Fatores que contribuem para a permanência em relacionamentos íntimos com presença de violência	40
Resumo	40
Abstract.....	40

Introdução.....	41
Método	45
Participantes.....	45
Instrumentos	46
Procedimentos para coleta e análise de dados	46
Apresentação e Discussão dos Resultados	48
Caso 1 – Casal Praticidade	48
Caso 2 – Casal Evolução	52
Caso 3 – Casal Eternidade	57
Caso 4 – Casal Aceitação	61
Análise e discussão dos dados.....	65
Considerações Finais.....	67
Referências bibliográficas	69
Considerações Finais	73
Referências bibliográficas.....	75

RESUMO

Relacionamentos conjugais violentos podem causar sérios problemas de saúde aos envolvidos e observa-se a dificuldade dos cônjuges de reconhecer a violência, bem como uma tendência a permanecer nestes relacionamentos. Por isso, na Seção I deste trabalho, o objetivo foi mensurar os níveis de qualidade e violência dos relacionamentos conjugais, bem como a relação dessas dimensões com características sociodemográficas da amostra e o poder preditivo dos diferentes tipos de violência na qualidade conjugal. Participaram 186 casais heterossexuais, casados oficialmente ou em união estável. Observou-se que os índices de violência psicológica foram superiores a 85% da amostra, contudo 66,5% dos casais avaliaram a qualidade conjugal entre média e muito boa e 33,5% avaliaram entre pobre a problemas muito severos. As variáveis qualidade e violência se correlacionaram positivamente e a agressão psicológica foi a dimensão com maior poder preditivo de problemas na conjugalidade. Na Seção II, o objetivo foi conhecer como os parceiros, inseridos em uma relação íntima com presença de violência conjugal, avaliam seus relacionamentos e que aspectos os levam a permanecer no mesmo. Foram analisados, através de estudo de casos múltiplos (Yin, 2005), quatro casais que vivenciam violência psicológica, física ou sexual. Observou-se que os conflitos conjugais iniciam-se por motivos diversos, tais como educação dos filhos, traição, alcoolismo, questões financeiras e outros. Permanecer nestes relacionamentos, em alguns casos justifica-se pela praticidade, enquanto em outros é pelo sentimento de amor que os unem. Em todos os casos, pareceu que, apesar de falarem sobre as situações de violência, os casais não a reconhecem como tal ou minimizam a gravidade da problemática. Salienta-se a importância de trabalhar com estes casais, que desejam permanecer juntos, estratégias de resolução de conflitos diferentes da promovendo assim mais saúde aos envolvidos.

Palavras-chave: Relacionamentos Conjugais, Qualidade Conjugal, Violência Conjugal

ABSTRACT

Violent conjugal relationships may cause serious health problems to those who are involved, and spouses find it difficult to recognize violence, tending to remain in such relationships. Thus, in Section I, the objective was to measure levels of quality and violence of conjugal relationships, as well as the relation between these dimensions with sociodemographic characteristics of the sample and the predictive power of the different types of violence in the conjugal quality. The participants were 186 heterosexual couples, officially married or in common-law marriage. Analyses showed that scores in psychological violence were over 85% of the sample, however, 66.5% of the couples assessed conjugal quality between average and very good, and 33.5% between poor and very severe problems. There was a positive correlation between the variables quality and violence, and psychological aggression was the dimension with more predictive power to conjugal problems. In Section II, the objective was to investigate how spouses assessed their intimate relationships with the presence of violence, and which aspects led them to remain in such relationships. Multiple case studies (Yin, 2005) analyzed four couples who experienced psychological, physical, or sexual violence. Different reasons were recognized as triggers for conflict, such as children education, betrayal, alcoholism, and financial issues. In some cases, remaining in such relationships is justified by practicality, and in others, love is what keeps them together. All cases showed that, although they speak about violent episodes, couples do not recognize violence or minimize the seriousness of the problem. For couples who want to remain together, it is important to work with conflict resolution strategies that are different from violence, promoting more health among them.

Keywords: conjugal relationships, conjugal quality, conjugal violence.

Apresentação

A partir da década de 1970, a violência nos relacionamentos íntimos despertou maior interesse dos pesquisadores, ao passo que as pesquisas tornaram-se mais frequentes. Atualmente, é considerada um sério problema de saúde pública, pois levantamentos realizados a partir de uma perspectiva de gênero, revelam uma incidência de violência contra a mulher que pode chegar até 70% (Anacleto, Njaine, Longo, Boing, & Peres, 2009; Paiva & Figueiredo, 2004; Rosa, Boing, Büchele, Oliveira, & Coelho, 2008;). Pouco ainda se tem estudado sobre a violência conjugal contra o homem e, em ambos os casos, considera-se que as estimativas possam ser subestimadas, em vista de muitos casos não chegarem nunca a ser denunciados, permanecendo encobertos no âmbito privado da família (Falcke, Oliveira, Rosa, & Bentancur, 2009).

Embora a temática tenha evoluído em termos de produções científicas, ainda existem diversos questionamentos a respeito dos aspectos que levam os cônjuges a permanecerem no relacionamento, muitas vezes, durante um longo período de tempo. Além disso, observa-se controvérsia na literatura sobre como se expressa a qualidade conjugal nesses relacionamentos. Pesquisas mostram diferentes resultados sobre a avaliação da qualidade e satisfação conjugal em relacionamentos violentos. Enquanto alguns estudos sugerem que o nível de qualidade conjugal fica comprometido quando o casal está exposto a situações de violência (DeMaris, 2000; Lawrence & Bradbury, 2007), outros evidenciam que a satisfação conjugal pode existir mesmo nesses relacionamentos, não existindo correlação entre violência e satisfação conjugal (Follingstad, Rogers, & Duvall, 2012; Hellmuth & McNulty, 2008).

Mensurar os níveis de qualidade e violência dos relacionamentos conjugais, bem como a relação dessas dimensões com características sociodemográficas dos casais e o poder preditivo dos diferentes tipos de violência na qualidade conjugal, foi o objetivo do primeiro estudo, aqui apresentado como: “*A Interface entre a Qualidade e a Violência em Relacionamentos Conjugais*”. Para esta pesquisa, quantitativa e com delineamento descritivo e correlacional, participaram 186 casais casados ou em união estável.

Visando complementar e aprofundar o entendimento sobre os motivos que levam os casais a permanecerem em relações com violência, apresenta-se o segundo estudo: “*Por que eles permanecem juntos? Fatores que contribuem para a permanência em relacionamentos íntimos com presença de violência*”. Esta pesquisa, de cunho qualitativo e de delineamento exploratório, teve como objetivo avaliar a percepção dos parceiros, inseridos em uma relação íntima com presença de violência conjugal, sobre como avaliam seus relacionamentos e que aspectos os levam a permanecer no mesmo. Este segundo estudo contou com a participação de quatro casais que vivenciam ou já vivenciaram alguma forma de violência em seus relacionamentos.

Por fim, as considerações finais desta dissertação visam apresentar os principais achados das pesquisas realizadas, bem como identificar as limitações encontradas. A pesquisa objetiva disseminar o conhecimento das temáticas abordadas e assim instrumentalizar os profissionais que trabalham com essas pessoas. Ainda, ressalta-se a importância da realização de outros estudos que possam complementar este.

Seção I

A interface entre a qualidade e a violência em relacionamentos conjugais

Josiane Razera¹

Denise Falcke²

RESUMO

A violência conjugal tem sido apontada como responsável pela redução dos níveis de qualidade conjugal, porém outros estudos identificam independência entre as variáveis. O objetivo deste estudo foi mensurar os níveis de qualidade e violência conjugal, bem como a relação com características sociodemográficas e o poder preditivo dos diferentes tipos de violência na qualidade conjugal. Participaram deste estudo quantitativo, 186 casais heterossexuais (n=372) e os instrumentos foram: questionário sociodemográfico, GRIMS (*Golombock Rust Inventory of Marital State*) e CTS2 (*Revised Conflict Tactics Scales*). Dos participantes, 66,5% avaliaram a qualidade conjugal entre média e muito boa e 33,5% entre pobre a problemas muito severos. Ainda que tenham preponderado bons níveis de qualidade conjugal, os índices de violência psicológica chegaram a 86,6%. Houve correlação negativa entre violência e qualidade conjugal. Verifica-se uma possível naturalização da violência nos relacionamentos, especialmente a psicológica, que foi a dimensão com maior poder preditivo de problemas na conjugalidade.

Palavras-chave: casal, qualidade conjugal, violência conjugal.

ABSTRACT

Although conjugal violence is considered responsible for reduction of conjugal quality levels, other studies identify independency of the variables. The objective of this study was to measure levels of quality and violence in conjugal relationships, as well as the relation between these dimensions with sociodemographic characteristics and the predictive power of different types of violence in conjugal quality. In this quantitative study, the participants were 186 heterosexual couples (n=372). Instruments were a sociodemographic survey, the GRIMS (*Golombock Rust Inventory of Marital State*), and the CTS2 (*Revised Conflict Tactics Scales*). The couples assessed their conjugal quality between average and very good (66.5%), and between poor and very severe problems (33.5%). Even with the preponderance of good levels in conjugal quality, scores in psychological violence reached 86.6%. Negative correlation was found between violence and conjugal quality. The study verified a possible naturalization of violence, namely psychological, which was the dimension with the highest predictive power for conjugal problems.

Keywords: couple, conjugal quality, conjugal violence.

Introdução

Relacionamentos íntimos estão ligados a aspectos centrais na vida do sujeito e, por esse motivo, podem proporcionar saúde aos envolvidos ou causar danos emocionais, psicológicos e até mesmo físicos quando se tratar de uma relação disfuncional. A partir da segunda metade do século XX, os estudos sobre conjugalidade se intensificaram, visto a necessidade de compreender a dinâmica de funcionamento conjugal, avaliando desde os aspectos relacionados a uma relação que proporciona satisfação aos cônjuges até relações que geram violência e prejuízos à saúde (Barreto, Maluschke, Almeida, & Desouza, 2009; D'Oliveira, Schraiber, Hanada, & Durand, 2009).

Por se tratarem de análises difíceis e subjetivas, quando se fala em satisfação conjugal observa-se na literatura (Andrade, Garcia, & Cano, 2009; Gomez & Leal, 2008), uma confusão no uso dos termos, ao passo que tem se utilizado qualidade e satisfação conjugal, muitas vezes, como sinônimos. Por existirem diferentes conceitos, no desenvolvimento deste estudo, optou-se por assumir a conceituação proposta por Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006), que compreenderam a qualidade conjugal como multidimensional e que a satisfação ou felicidade pode ser considerada uma dimensão dela. As autoras consideraram que a percepção de qualidade conjugal está associada a três dimensões: 1) recursos pessoais dos cônjuges, que seriam os níveis de escolaridade, aspectos de personalidade, experiências da família de origem e outros; 2) contexto em que os cônjuges estão inseridos, relacionado aos fatores estressantes, que podem estar relacionadas a doenças, dificuldades financeiras, entre outros; 3) processos adaptativos, referindo-se a capacidade de enfrentamento das dificuldades encontradas pelos cônjuges e adaptação a elas. Contudo, os termos serão utilizados alternadamente, respeitando a nomenclatura utilizada pelos diferentes autores.

A qualidade conjugal, também pode ser compreendida como um constructo abrangente, visto que os relacionamentos podem ser avaliados pelos casais como bons, em termos de qualidade da relação, ainda que o sujeito não esteja satisfeito, pois existem outras dimensões que compõem a qualidade conjugal. A satisfação pode ser entendida como uma avaliação subjetiva do relacionamento, resultado obtido após a comparação de seu casamento, com as expectativas de casamentos advindos das experiências precoces e das questões sociais e culturais (Perlin, 2006).

Nessa direção, pode-se considerar que a satisfação está associada a aspectos conscientes e inconscientes, bem como aspectos do meio ambiente e do contexto em que os cônjuges estão inseridos (Falcke, Diehl, & Wagner, 2002). É possível pensar que alguns fatores como a proximidade emocional, a comunicação, estratégias de resolução de conflitos, partilha de valores e crenças religiosas podem estar associados com o aumento ou diminuição da satisfação na relação (Rebello, 2012). A satisfação conjugal de 106 participantes foi avaliada por Scorsolini-Comin e Santos (2010b) e os autores não encontraram associação com a idade dos cônjuges, o tempo de relacionamento, a renda e o grau de instrução.

Pesquisa realizada com 238 casais da região metropolitana de Porto Alegre, RS, avaliando variáveis preditoras da qualidade conjugal, verificou que as experiências na família de origem foram relevantes principalmente para a qualidade conjugal dos homens, enquanto que, para a amostra feminina, foram mais importantes variáveis do contexto atual, como trabalho, filhos e suporte social (Falcke, Wagner, & Mosmann, 2005), percebendo menor qualidade mulheres que trabalhavam fora, tinham filhos e pouco suporte social.

Fazer considerações ou avaliações acerca dos níveis de qualidade da conjugalidade é complexo, principalmente quando o par conjugal é compreendido sistemicamente, pois, como mencionam Féres-Carneiro e Diniz Neto (2010), os cônjuges estão inseridos em diversos níveis

de outros relacionamentos e contextos psicossociais que estarão presentes na constituição da relação a dois. Cada parceiro leva para a conjugalidade características da sua individualidade e é através desta soma que se constitui a identidade conjugal do novo casal.

Casais com maiores níveis de funcionalidade, teoricamente, demonstraram características estáveis, gostos parecidos, interesses e projetos em comum e suas diferenças enriquecem a relação (Waldemar, 2008). Porém, quando se observa falhas no companheirismo, na comunicação ou no planejamento em comum, por exemplo, surgem conflitos que precisam ser negociados. Desencontros na conjugalidade, sejam eles emocionais, sexuais ou econômicos, podem resultar em altos índices de conflitos conjugais (Barreto et al., 2009). Todavia, é importante destacar que a funcionalidade conjugal não está associada à existência ou não de conflitos e sim à forma como os casais os manejam. A agressão e o ataque constituem-se em estratégias de resolução de conflitos inadequadas que, muitas vezes, se fazem presentes em casais disfuncionais. Atualmente, a literatura aponta que dentre as violências interpessoais, considera-se a violência entre parceiros íntimos como um dos maiores problemas mundiais de saúde (Barreto et al., 2009; D'Oliveira et al., 2009; Moreira, Galvão, Melo, & Azevedo, 2008).

Uma relação com violência tende a ser prejudicial, não apenas aos cônjuges, mas também às demais pessoas dos seus círculos familiar e social (Barreto et al., 2009). Anacleto et al. (2009) definiram a violência conjugal como um fenômeno interativo, que envolve tanto homens quanto mulheres, enquanto autores ou vítimas. Cada casal possui características diversas e a violência conjugal não pode ser avaliada sem que se considerem os aspectos situacionais, sociodemográficos. Vieira, Perdona e Santos (2011), em um estudo com 504 mulheres, apresentaram algumas variáveis que representam fatores de risco para a ocorrência de violência física na relação conjugal, seriam elas: baixa escolaridade, a situação conjugal (ser separada ou coabitar), ter vivenciado ou presenciado violência na infância e uso de álcool. Em

contrapartida, a violência não esteve associada com idade, cor e religião.

Com relação aos estudos sobre a violência na conjugalidade, é predominante a perspectiva de que existe uma assimetria de gênero. Isso pode ser considerado um reflexo dos movimentos feministas que denunciaram os abusos e maus tratos ocasionados a mulheres perpetrados pelos seus parceiros íntimos. É comum encontrar autores que advogam em favor da mulher, em uma visão unilateral que a coloca no patamar de vítima. Por outro lado, psicólogos e sociólogos de família estudam a violência no casal ou a violência como um processo interacional (Casimiro, 2008).

Nesta perspectiva, a violência passa a ser caracterizada como uma ação dinâmica construída pelos cônjuges, que são coautores do funcionamento conjugal (Falcke, Oliveira, Rosa, & Bentancur, 2009). Nas pesquisas de Williams e Frieze (2005), realizadas no estado de Michigan, mais mulheres referiram cometer violência do que homens, o que levou os autores a pontuar que os indivíduos são mutuamente violentos e que estes, por vezes, usam da violência como uma forma de proteção. A partir da avaliação relacional do casal violento (Cortez, Souza, & Queiróz, 2010) é possível compreender aspectos que podem colaborar com as intervenções a serem realizadas com esses casais, pressupondo-se que a violência ocorre devido à dinâmica estabelecida entre eles, sendo as agressões o resultado de um jogo de forças entre homens e mulheres.

Pesquisa realizada por Mosmann e Falcke (2011), com 149 casais, revelou níveis significativos de desentendimentos e agressões. O acúmulo de conflitos que o casal não conseguiu resolver tornou-se um processo cíclico, favorecendo com que os desentendimentos retornassem em outros momentos com mais força, ocasionando brigas pautadas por agressões verbais ou físicas em escalada. As autoras também instigaram a reflexão sobre a não ciência do casal de que determinadas estratégias utilizadas na tentativa de resolução dos conflitos conjugais podem representar formas de violência física e principalmente psicológica.

Relacionamentos pautados por algum tipo de violência podem comprometer os níveis de qualidade da relação conjugal. Lawrence e Bradbury (2007) realizaram uma pesquisa longitudinal com 172 casais americanos e avaliaram a relação entre agressão física e satisfação conjugal. Apontaram que níveis iniciais de agressão podem provocar mudanças na satisfação conjugal, enquanto níveis iniciais de satisfação não predizem mudanças na agressão. Ainda, sugeriram que existe um ciclo-vicioso, em que a agressão leva ao declínio da satisfação conjugal, que por sua vez ocasiona o aumento da agressão e assim sucessivamente. Com isso, mudanças nos níveis de agressão influenciariam mudanças na satisfação do casal. Também é necessário destacar que enquanto para alguns autores a satisfação com o relacionamento é impactada pela violência conjugal (Hellmuth & McNulty, 2008; Lawrence & Bradbury, 2007; Testa & Leonard, 2001), não se descarta a hipótese da violência ocorrer justamente como consequência da insatisfação com a relação (DeMaris, 2000; Williams & Frieze, 2005).

Por outro lado, pesquisas apresentaram que, não necessariamente, a violência entre parceiros íntimos resultará na diminuição da qualidade conjugal. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos por Follingstad et al. (2012), com uma amostra de 361 mulheres incluiu a avaliação da satisfação com o relacionamento. Alguns resultados revelaram que as mulheres que contribuíam com táticas de violência psicológica para a resolução dos conflitos demonstraram maiores níveis de satisfação conjugal. Além disso, as mulheres que também usavam alguma forma de agressão no relacionamento tendiam a relatar menos insatisfação conjugal em relação àquelas que visualizavam a agressão como unilateral. Williams e Frieze (2005) realizaram uma pesquisa em Michigan e referiram que alguns indivíduos consideram-se relativamente satisfeitos com sua relação, mesmo sendo um relacionamento violento, enquanto outros, no mesmo estudo, relataram menos satisfação e que a violência seria uma forma de autoproteção. Os níveis de satisfação podem existir, na percepção dos autores, inclusive pelo fato de que nem sempre a violência é levada a sério.

Pautado em uma análise de gênero, o estudo de Ackerman (2012), realizado no Texas e com 170 participantes, apontou a existência de uma diferença nos níveis de satisfação entre homens e mulheres inseridos em uma relação violenta. Os homens referiram menos insatisfação, enquanto as mulheres sentiam-se mais afetadas pela relação violenta e reportaram menores níveis de qualidade conjugal. Os autores justificaram esses achados através da perspectiva de que, para homens, seria mais fácil manter uma relação amorosa com mulheres agressivas, enquanto o contrário seria mais difícil. Outra explicação para esses resultados trata-se do fato dos homens serem criados para não demonstrar dor, o que implicaria em suportar relações com violência. Socialmente é aceitável que a mulher assuma a postura de frágil e vítima, papel este que não é compreendido no sexo masculino. Dados semelhantes já haviam sido destacados por DeMaris (2000) ao constatar, em uma amostra de 3.508 casais americanos, que a perpetração da violência conjugal pelo homem aumentou o risco de divórcio, enquanto que a perpetração da violência pela mulher não mostrou o mesmo efeito.

Neste sentido, se observam divergências apresentadas nos resultados dos estudos internacionais sobre qualidade conjugal em casais com funcionamento violento. Na literatura brasileira, por sua vez, utilizando-se dos descritores “violência *and* qualidade conjugal” não foram encontrados estudos que correlacionem tais variáveis (SciELO, BVS, LILACS). Por esses motivos, torna-se relevante investigar a associação entre qualidade conjugal e violência. Mais especificamente, objetiva-se mensurar os níveis de qualidade e violência dos relacionamentos conjugais, bem como a relação dessas dimensões com características sociodemográficas dos casais. Além disso, pretende-se identificar o poder preditivo dos diferentes tipos de violência na qualidade conjugal.

Método

Foi realizado um estudo quantitativo, com delineamento descritivo, correlacional e explicativo. Esta pesquisa faz parte de um projeto maior intitulado “Variáveis preditoras da violência conjugal: experiências na família de origem, características pessoais e relacionais”, que tem como objetivo investigar o poder preditivo das experiências na família de origem, de personalidade dos cônjuges e das características do casal para a ocorrência de violência na relação conjugal.

Participantes

Participaram deste estudo, 186 indivíduos e seus cônjuges, em relacionamentos heterossexuais, totalizando 372 participantes. A amostra foi selecionada pelo critério de conveniência a partir da indicação de conhecidos e por sugestão dos próprios participantes, constituindo assim uma amostragem por “bola de neve”. Os participantes, no período da coleta, residiam da região metropolitana de Porto Alegre, RS. A idade oscilou de 19 a 81 anos ($m=39,92$; $dp=12,62$) e o tempo de relacionamento variou de um a 56 anos ($m=14,81$; $dp=11,69$). A renda pessoal mensal foi de zero a 45 mil reais ($m=3.541,98$; $dp=4218,23$). Conforme indica a tabela abaixo (tabela 1), mais de 50% dos participantes eram casados oficialmente e mais de 70% não tiveram casamentos anteriores.

Tabela1: Frequências e percentuais das características sociodemográficas da amostra

Características		n	%
Situação conjugal	Casados oficialmente	206	56,7
	Morando juntos	157	43,3
Casamento anterior	Sim	75	20,4
	Não	293	79,6
Filhos	Sim	236	63,8
	Não	134	36,2
Escolaridade	Sem instrução	2	0,6
	Fundamental	30	8,6
	Médio	145	41,4
	Superior (em andamento ou concluído)	173	49,4
Exerce atividade remunerada	Sim	305	85
	Não	54	15

Instrumentos

1) *Questionário de Dados Sociodemográficos*, composto por 19 questões, que permitem fazer o levantamento dos dados dos sujeitos como o gênero, faixa etária, escolaridade, se possuem filhos e quantos, situação conjugal e tempo de união, remuneração pessoal, se conviveram na infância com os pais biológicos, bem como a situação conjugal dos pais. Outras informações como religiosidade dos participantes e se já realizaram algum tipo de psicoterapia também foram coletadas.

2) *Golombok Rust Inventory of Marital State – GRIMS* (Rust, Bennun, Crowe, & Golombok, 1988): Inventário que mensura a qualidade do relacionamento conjugal, através de aspectos que são considerados importantes para um bom casamento. São eles: satisfação,

comunicação, interesses compartilhados, confiança e respeito. É um instrumento autoaplicável, composto por 28 itens, respondido em uma escala *Likert* de quatro pontos (discordo fortemente, discordo, concordo e concordo fortemente). Na pontuação da escala, quanto maiores os escores obtidos, mais severos são os problemas no relacionamento conjugal. A confiabilidade do instrumento foi testada na comparação entre população clínica e não clínica, através de dois métodos: *split-half* e coeficientes *Alpha*. Ambos procedimentos indicaram um alto nível de consistência interna entre os itens do GRIMS. Os coeficientes variaram de 0.81 a 0.94. No Brasil, o índice obtido foi de 0.91 (Falcke, 2003). Neste estudo, o *alpha* foi 0,889.

3) *Revised Conflict Tactics Scales* – CTS2, foi concebida por Straus, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman (1996) e adaptada ao português por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002). A escala contém 78 itens que descrevem possíveis ações do respondente e, reciprocamente, de seu/sua companheiro/a. É formada por cinco escalas, que tratam das seguintes dimensões: 1) violência física; 2) agressão psicológica; 3) coerção sexual; 4) lesão corporal; 5) negociação. Considerando a violência física, Strauss (1995) define tanto as agressões consideradas como menor (empurrar, agarrar, dar tapa, jogar objeto, torcer o braço e puxar o cabelo), quanto às graves (dar soco, bater, chutar, jogar contra a parede, queimar ou escaldar, usar uma faca ou arma de fogo). A agressão psicológica menor é definida como (insultos, xingamentos, gritos, ofensas, ameaças e virar as costas em meio a uma briga) enquanto a grave (ofender de feio, gordo, “ruim de cama” ou algo parecido, destruir objeto pessoal do companheiro). Coerção sexual menor refere-se à insistência em fazer sexo, sem utilização de força física, ou obrigar a ter relações sem preservativo, enquanto que a coerção sexual grave corresponde a ações de ameaças ou utilização de força e armas para coagir o

parceiro a fazer sexo. Lesão corporal menor corresponde à ocorrência de torção, contusão, mancha roxa ou dores no corpo que duraram até o dia seguinte em função de uma briga, enquanto que a lesão corporal grave refere-se à necessidade de busca por auxílio médico após uma briga ou ocorrência de desmaio e quebra de algum osso. Por sua vez, a negociação é definida como o conjunto de ações utilizadas com o objetivo de resolver uma discórdia por meio de argumentação racional, comunicação com afeto positivo ou expressão de sentimentos de cuidado e respeito pelo companheiro.

Neste estudo, o *alpha* da escala total foi 0,872 e para cada subescala foram os seguintes: coerção sexual grave cometida (0,796); coerção sexual grave sofrida (0,825); coerção sexual menor cometida (0,321); coerção sexual menor sofrida (0,344); violência física grave cometida (0,858); violência física grave sofrida (0,769); violência física menor cometida (0,772); violência física menor sofrida (0,826); lesão corporal grave cometida (0,522); lesão corporal grave sofrida (0,819); lesão corporal menor cometida (0,596); lesão corporal menor sofrida (0,586); agressão psicológica grave cometida (0,330); agressão psicológica grave sofrida (0,444); agressão psicológica menor cometida (0,698); agressão psicológica menor sofrida (0,684).

Procedimentos para coleta e análise de dados

A presente pesquisa atendeu os cuidados éticos para estudos que envolvem seres humanos (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e Conselho Federal de Psicologia 026/2000). O projeto de pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, através do protocolo 11/129.

Os questionários foram aplicados na residência dos casais ou em local indicado por eles, tendo sido agendado com antecedência através de contato telefônico. Na ocasião da coleta, foram explicitados os objetivos do estudo e foi apresentado o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que também visou assegurar o sigilo e anonimato dos participantes. Então, o questionário foi aplicado no casal, concomitantemente, sem que cada um deles tivesse acesso às respostas do outro, evitando assim, a contaminação das respostas individuais. Dúvidas sobre os questionários foram esclarecidas pelo auxiliar de pesquisa que foi treinado para a aplicação dos mesmos, mantendo o cuidado de não influenciar as respostas.

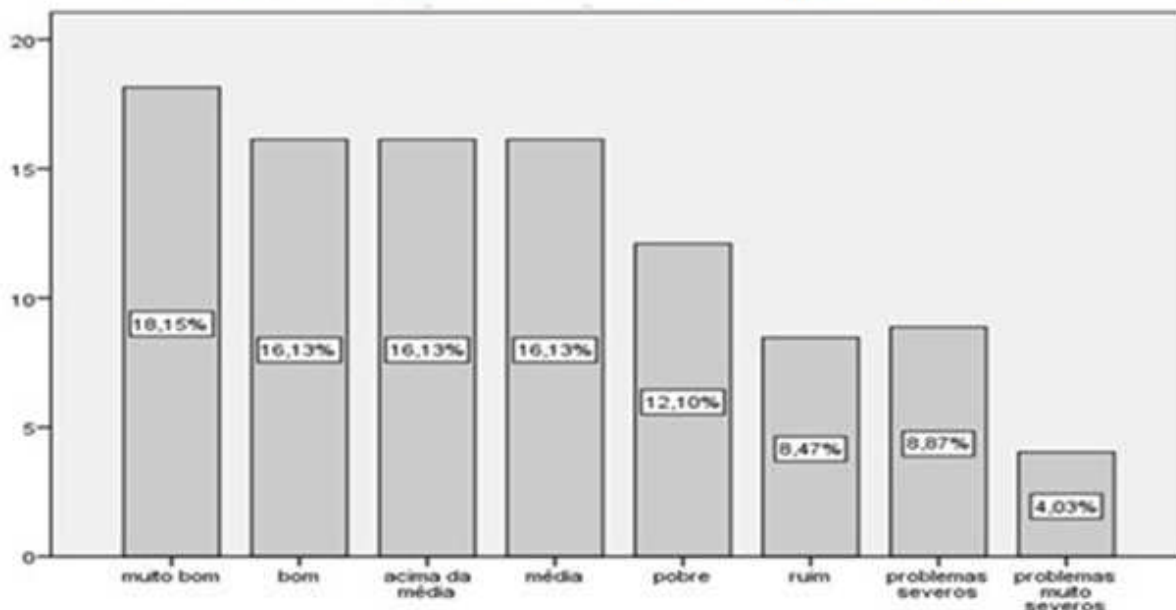
Os dados foram analisados por meio do software *Statistical Package for Social Science* – SPSS (versão 20.0), sendo realizada, para fins deste estudo, análises descritivas para identificar o perfil dos participantes e os percentuais de violência e qualidade conjugal. Após confirmação dos parâmetros de normalidade da distribuição dos dados (teste de Kolmogorov-Smirnov), realizou-se análise de correlação de Pearson, Teste t, ANOVA e análise de regressão (método *stepwise*), conforme os objetivos do estudo.

Resultados

Qualidade conjugal

Através do GRIMS, foi possível mensurar como os casais percebem a qualidade do seu relacionamento conjugal. Na figura 1, é possível observar que a maior parte dos participantes refere a conjugalidade entre média e muito boa (66,54%), enquanto que uma menor parte avalia o relacionamento de pobre a problemas muito severos (33,47%).

Figura 1: Porcentagem dos diferentes níveis de qualidade conjugal



Considerando as variáveis sociodemográficas, observou-se que a qualidade conjugal não apresentou diferença significativa conforme as variáveis sexo ($t=-0,518$; $p=0,605$) e situação conjugal ($t=1,328$; $p=0,185$). Também não foram observadas associações da qualidade conjugal com a idade ($r=0,013$; $p=0,828$), o tempo de relacionamento ($r=0,054$; $p=0,354$) e a renda dos casais ($r=-0,018$; $p=0,772$).

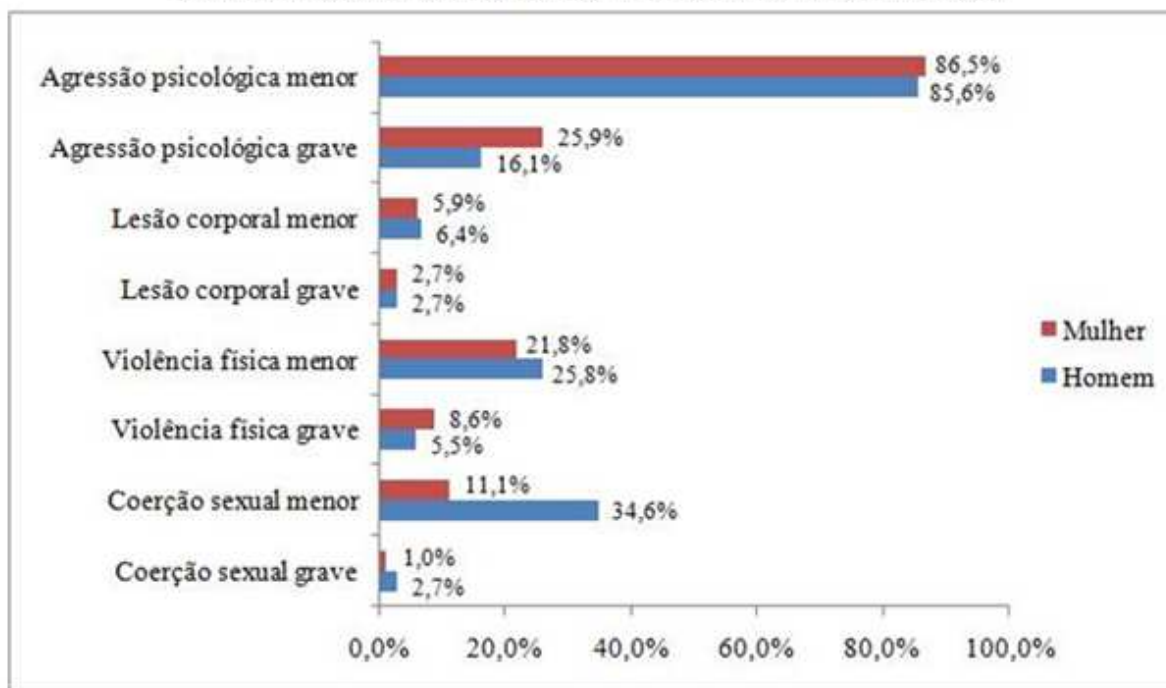
Para avaliar o comportamento da variável escolaridade, realizou-se o teste ANOVA, considerando três grupos (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior). Observou-se apenas uma tendência ($F=2,790$; $p=0,063$) à existência de menores índices de qualidade conjugal nos casais que possuem ensino fundamental ($m=29,70$; $dp=10,13$), em relação aos casais com ensino médio ($m=28,29$; $dp=11,00$) e com ensino superior ($m=25,52$; $dp=10,38$). Vale ressaltar que, no GRIMS, a maior pontuação refere-se à existência de mais problemas conjugais.

Violência conjugal

Foram avaliados os índices dos diferentes tipos de violência cometida (quando o

sujeito avalia suas próprias ações) e sofrida (quando avalia as ações do/a companheiro/a). Os níveis de violência apresentados nesta amostra variam de 1,0% para coerção sexual grave até índices de 86,6% para agressão psicológica menor. A figura 2 tem por objetivo demonstrar as formas de violência que o sujeito refere cometer em seu relacionamento conjugal.

Figura 2: Porcentagem dos tipos de violência cometidas pelo sujeito

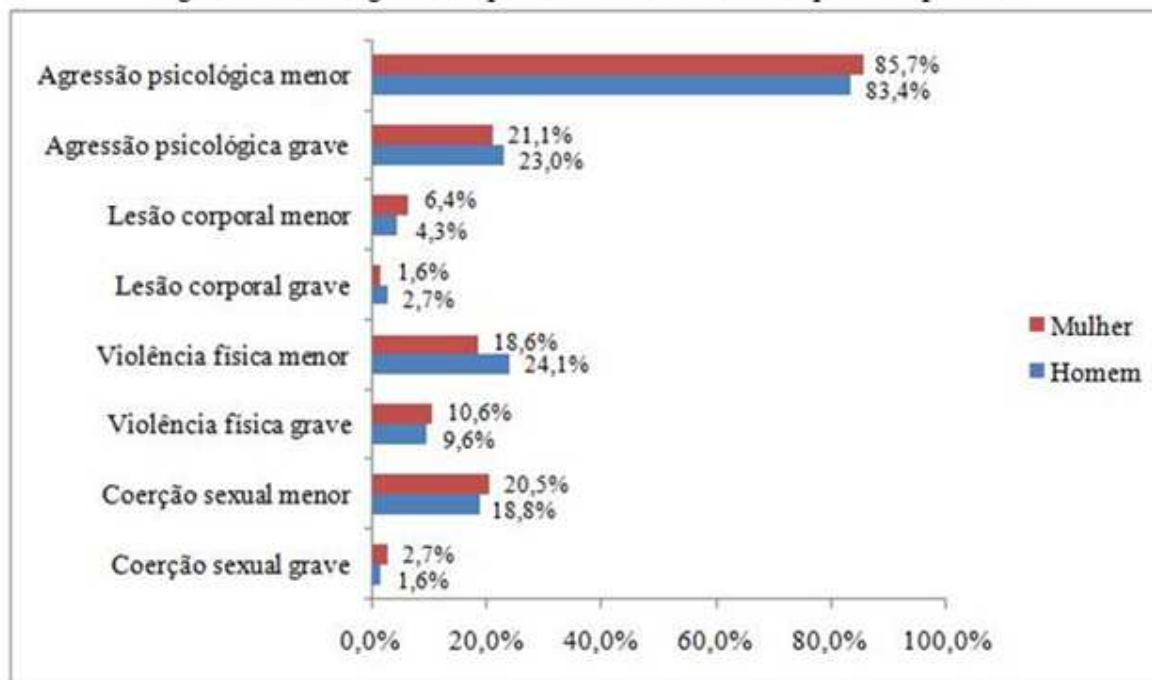


Observou-se, por meio do teste T de *student*, que houve diferença significativa na resposta de esposas e maridos nas dimensões de coerção sexual menor e agressão psicológica grave. Na dimensão coerção sexual menor, houve diferença estatisticamente significativa ($t=4,604$; $p<0,001$), indicando que os homens ($m=3,75$) referem cometer mais coerção sexual menor em comparação com as mulheres ($m=3,22$). Apresentou-se também uma diferença significativa ($t=2,081$; $p=0,039$) na dimensão de agressão psicológica grave, evidenciando que as mulheres ($m=3,44$) referiram cometer mais agressão psicológica grave do que os seus companheiros ($m=3,26$). Para a agressão psicológica menor, percebeu-se uma tendência ($t=1,856$; $p=0,064$) de que as mulheres ($m=8,63$) cometessem mais do que os homens ($m=8,09$). Não foram observadas diferenças estatísticas significativas nas dimensões de

violência física - grave e menor - e lesão corporal – grave e menor ($p>0,05$).

Considerando a violência que os participantes percebem ter sofrido no relacionamento conjugal, observaram-se índices também elevados. A figura 3 permite observá-los.

Figura 3: Porcentagem dos tipos de violência cometidas pelo companheiro



A partir de análises estatísticas, não foram observadas diferenças significativas em nenhuma das dimensões de violência sofrida considerando o sexo dos participantes ($p>0,05$).

Considerando as demais variáveis sociodemográficas e suas associações com as dimensões de violência cometida e sofrida pelos participantes, utilizou-se o teste t para investigar se os índices diferiram conforme a situação conjugal dos participantes. Foi possível observar diferenças estatisticamente significativas ($t=2,209$; $p=0,025$), sendo que houve percepção de maior coerção sexual menor sofrida nos casais que moram juntos ou em união estável ($m=3,54$) em relação aos casados oficialmente ($m=3,30$).

A idade correlacionou-se negativamente com as variáveis de violência física menor cometida ($r= -0,166$; $p=0,002$), violência física menor sofrida ($r=-0,138$; $p=0,009$), agressão psicológica grave cometida ($r= -0,148$; $p=0,005$), agressão psicológica grave sofrida ($r= -0,134$; $p=0,011$) e agressão psicológica menor cometida ($r= -0,148$; $p=0,006$). Esses dados

são indicativos de que quanto menor a idade dos cônjuges, maiores os níveis de perpetração e vitimização pelos diferentes tipos de violência. Além disso, houve uma tendência à correlação negativa entre a idade e a agressão psicológica menor sofrida ($r = -0,102$; $p = 0,054$). Por sua vez, o tempo de relacionamento evidenciou uma tendência de associação com a violência física grave sofrida ($r = -0,102$; $p = 0,058$) e violência física menor cometida ($r = -0,101$; $p = 0,060$), indicando que os relacionamentos mais longos tendem a apresentar menores índices das violências citadas.

Não se observou diferenças significativas nos índices de violência considerando a escolaridade dos participantes. No que tange às associações entre renda e as dimensões de violência, observou-se correlação negativa com a agressão psicológica grave cometida ($r = -0,148$; $p = 0,005$). Já a agressão psicológica grave sofrida ($r = -0,108$; $p = 0,058$) e coerção sexual menor sofrida ($r = -0,108$; $p = 0,059$) obtiveram uma tendência de associação, referindo maiores índices de violência em casais com renda pessoal menor.

Correlações Qualidade e Violência Conjugal

Foram realizadas correlações entre as escalas de violência conjugal (CTS 2) e de qualidade (GRIMS), identificando-se que as correlações foram de fracas a moderadas. A tabela 2 apresenta esses dados.

Tabela 2 – correlações entre as dimensões da CTS 2 e GRIMS

Dimensões de Violência Cometida (CTS 2)	GRIMS	Dimensões de Violência Sofrida (CTS 2)	GRIMS
Coerção Sexual Grave	0,099	Coerção Sexual Grave	0,110
Coerção Sexual Menor	0,139*	Coerção Sexual Menor	0,255**
Violência Física Grave	0,138*	Violência Física Grave	0,186**
Violência Física Menor	0,243**	Violência Física Menor	0,257**
Lesão Corporal Grave	0,121*	Lesão Corporal Grave	0,115*
Lesão Corporal Menor	0,244**	Lesão Corporal Menor	0,139*
Negociação	-0,239**	Negociação	-0,347**
Agressão Psicológica Grave	0,267**	Agressão Psicológica Grave	0,293**
Agressão Psicológica Menor	0,346**	Agressão Psicológica Menor	0,403**

** A correlação é significativa no nível de 0,001

* A correlação é significativa no nível de 0,005

Percebe-se que houve associação entre a maioria das dimensões analisadas. As correlações mostraram-se positivas com o GRIMS, pois a maior pontuação no GRIMS refere-se à existência de problemas conjugais mais severos e pior qualidade conjugal. Nesse sentido, quanto mais violência existe no relacionamento conjugal, pior a qualidade que os participantes perceberam em seus relacionamentos. A negociação obteve correlação negativa com o GRIMS, identificando-se que quanto menos negociação do casal, mais problemas conjugais são enfrentados.

Poder Preditivo da Violência na Qualidade Conjugal

A partir da correlação de dados visualizou-se que a ocorrência de violência na relação conjugal esteve relacionada com a diminuição dos níveis de qualidade conjugal. Realizou-se, então, uma análise de regressão (método *stepwise*) que permitiu identificar quais as formas de violência foram preditoras de problemas na conjugalidade. Optou-se pela avaliação dos modelos separados por gênero, considerando que houve diferença significativa na coerção sexual e na agressão psicológica entre os sexos.

Tabela 3 – Preditores da violência conjugal e qualidade conjugal (mulheres)

Variáveis do modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes Padronizados		
	B	Modelo Padrão	Beta	T	Sig
Agressão Psicológica Menor Sofrida	1,752	,348	,406	5,033	0,000
R = 0,406^b R² = 0,165 R² ajustado = 0,159					

Quando avaliadas as mulheres, verificou-se que, para elas, agressão psicológica menor do companheiro explica 16,5% da variância na ocorrência de problemas conjugais nos relacionamentos. Ou seja, para as mulheres, sofrer agressão psicológica do companheiro é favorecedor para que percebam seu relacionamento como menos satisfatório.

No caso dos maridos, duas variáveis constaram no modelo, conforme apresentado na Tabela 4:

Tabela 4 – Preditores da violência conjugal e qualidade conjugal (homens)

Variáveis do modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes Padronizados		
	B	Modelo Padrão	Beta	T	Sig
Agressão Psicológica Menor Cometida	1,266	,332	,321	3,813	0,000
Agressão Psicológica Grave Cometida	2,522	1,092	,194	2,310	0,023
R = 0,418^c R² = 0,174 R² ajustado = 0,161					

Para os homens, a agressão psicológica menor e grave cometida por eles teve um poder preditivo de 17,4% da variância na ocorrência de problemas conjugais. O que demonstra que os homens visualizam os níveis de qualidade da relação conjugal diminuir quando percebem-se cometendo agressão psicológica (menor e/ou grave) contra suas parceiras. Observa-se que a agressão psicológica foi a dimensão com maior impacto na qualidade conjugal de homens e mulheres.

Discussão

Identifica-se que a agressão psicológica menor, entendida como insultos, xingamentos, gritos, ofensas, ameaças e/ ou virar as costas em meio a uma briga (Strauss, 1995), tem sido uma tática utilizada pelos casais na tentativa de resolução de conflitos, mesmo que disfuncional, atingindo índices que superam 80% nesta amostra. Esses dados corroboram a pesquisa apresentada por Bolze, Schmidt, Crepaldi e Vieira (2013), na qual, embora a maior parte dos casais considere a relação harmônica, com estratégias de negociação dos conflitos, a agressão psicológica menor surge como a principal forma de tentativa de resolução dos mesmos. Isso mostra que, por mais que os casais refiram a resolução de seus conflitos através do diálogo, também acabam utilizando-se de atitudes como xingamento, gritos e ameaças em situações de conflitos.

Ações que envolvem violência foram identificadas, indicando que homens e mulheres estão cometendo e sofrendo violência conjugal, nas diferentes formas de manifestação da mesma. Não foram identificadas diferenças estatísticas significativas nos índices de violência física e lesão corporal entre os sexos. Isso indica que maridos e esposas admitem cometer agressões físicas na mesma frequência e intensidade. Nesse sentido, verificou-se que as atitudes violentas podem surgir de ambos os cônjuges, oportunizando um olhar para a relação conjugal de forma mais simétrica, pois nem sempre o homem é o agressor e a mulher vítima, mas sim prepondera um viés interacional (Dantas-Berger & Giffin, 2005; Diniz, Lopes, Gesteira, Alves, & Gomes, 2003; Colossi & Falcke, 2013; Follingstad & Edmundson, 2010; Lamoglia & Minayo, 2009).

Contudo, no que se refere à coerção sexual, os homens tendem a exercê-la significativamente mais do que as mulheres, enquanto que a agressão psicológica foi uma forma significativamente mais cometida pelas mulheres neste estudo. Pode-se perceber, neste

sentido, que o viés de gênero parece evidenciar-se nessa diferenciação, demarcando o foco na sexualidade como característico preponderantemente do masculino e o foco nos aspectos emocionais/psicológicos como feminino. Nesse sentido, os dados evidenciam a importância de considerar a variável gênero na análise da violência, compreendendo que se trata de um fenômeno complexo, com múltiplas formas de expressão (Diniz, 2013).

A coerção sexual menor evidenciou-se significativamente mais em casais que coabitavam em comparação aos que eram casados oficialmente. Esse dado remete a outros estudos que já revelam a importância da oficialização matrimonial. Vieira et al., em 2011, apresentaram o achado de que as mulheres que coabitavam, eram separadas ou divorciadas mostraram duas vezes mais chances de sofrer violência do parceiro em relação às mulheres casadas oficialmente. Dessa forma, pode-se considerar que o ritual do casamento seja extremamente importante para que os cônjuges consigam oficializar a relação também em termos emocionais (Lopes, Menezes, Santos, & Piccinini, 2006).

A coerção sexual menor sofrida e agressão psicológica grave sofrida apresentaram uma tendência a relação com rendimentos menores do casal. O estudo verificou que os casais que possuíam maior renda pessoal apresentaram menores índices de coerção sexual menor e violência psicológica grave. Estudos anteriores já haviam encontrado associação entre questões socioeconômicas e violência conjugal (Koenig, Stephenson, Ahmed, Jejeebhoy, & Campbell, 2006). Nesse estudo, foi observada somente uma tendência possivelmente pelo fato dessa variável ter sido bastante homogênea na amostra, que se caracterizou como de nível socioeconômico A, conforme o CCBE - Critério Brasil de Classificação Socioeconômica.

Sabe-se que a violência, seja ela física, psicológica ou sexual pode estar presente em qualquer contexto social e econômico, porém é pertinente considerar que nos níveis econômicos menos favorecidos existe maior nível de discussão sobre a falta de dinheiro e

um contexto maior de vulnerabilidade, o que tem grande poder desencadeador de estresse e violência (Diniz et al., 2003). Neste estudo, a renda do casal não esteve associada com os níveis de qualidade conjugal, permitindo pensar que a variável dinheiro pode levar a discussões e brigas na conjugalidade, porém sem o mesmo impacto na promoção de qualidade na relação.

Os conflitos conjugais e a violência, muitas vezes, e em especial no senso comum, são associados ao baixo nível escolar dos cônjuges, porém neste estudo não se mostrou uma variável influente nos níveis de violência conjugal. Nesta amostra, a maior parte possui ensino superior e cerca de 85% dos casais referiram que sofrem ou já sofreram algum tipo de violência, corroborando a pesquisa de Koenig et al. (2006), na qual a variável escolaridade não foi interveniente na ocorrência de violência no casal. Na presente pesquisa, a escolaridade trouxe uma tendência a maiores níveis de qualidade conjugal, permitindo pensar que a escolaridade favorece o exercício do diálogo e participação de ambos os cônjuges nas decisões do casal, sendo que casais com melhores níveis de comunicação apresentaram-se mais satisfeitos (Norgren, Souza, Kaslow, Kammerschmidt, & Sharlin, 2004).

A percepção dos cônjuges sobre os níveis de qualidade conjugal do relacionamento pode ser modificada quando eles estão expostos à violência conjugal, que inevitavelmente resultará em sofrimento aos mesmos. Os cônjuges perceberam as ações violentas do(a) parceiro(a) como fatores preditores da redução da qualidade conjugal. Neste estudo, as mulheres consideraram que as agressões cometidas pelos parceiros levaram ao declínio da qualidade da relação e o contrário ocorreu com os homens, que perceberam menos qualidade conjugal quando identificaram cometer alguma forma de violência contra a parceira. Pode-se atribuir a forma de criação dos homens, voltadas a não demonstração do sofrimento e a dificuldade em se reconhecer no papel de vítima, esse cenário em que violência sofrida impacta menos no relacionamento, em termos de qualidade conjugal. Por outro lado, deve-se

levar em consideração o quanto estar no papel de quem comete violência impacta no bem-estar e na qualidade do relacionamento conjugal deles, possivelmente devido ao sentimento de culpa. As mulheres, geralmente são mais acolhidas como vítimas e seu sofrimento é legitimado socialmente, atribuindo a violência cometida pelos seus companheiros como fatores que diminuem os índices de qualidade conjugal (Ackerman, 2012).

Nesta amostra, chama a atenção que as dimensões de violência, correlacionadas às de qualidade conjugal obtiveram resultados que mostraram que práticas de violência reduziram a percepção de qualidade do casal. Independente da posição de vítima ou agressor, a agressão psicológica foi a variável que teve maior poder preditivo de menor qualidade conjugal em homens e mulheres. A relevância destes resultados precisa ser destacada, pois nem sempre as agressões psicológicas são legitimadas pelos cônjuges e até mesmo por profissionais, visto a dificuldade de se mensurar, contudo reitera-se que a referida agressão pode proporcionar sofrimento e prejuízos a saúde dos envolvidos (Colossi & Falcke, 2013).

Quando as variáveis, qualidade e violência são analisadas separadamente, a maioria dos casais (66,54%) avaliou sua relação como média a muito boa, sendo que destes mesmos casais, pelo menos 85% indicou ter sofrido ou sofrer alguma forma de violência conjugal. Este dado levanta a necessidade de avaliar se a medida de violência psicológica que está sendo utilizada não se mostrou muito sensível para estar presente na maioria da amostra. Considerando que ela se refere a ações como insultos, xingamentos, gritos, entre outros, acredita-se que efetivamente, ainda que estejam sendo utilizadas pela maioria da amostra, devem ser consideradas como ocorrência de violência, para que não se corra o risco de naturalizar tais atitudes nos relacionamentos. Verificando-se que a maioria dos casais percebe-se, de alguma forma, satisfeita com o relacionamento, pode-se inferir que a naturalização da violência já esteja ocorrendo. Acostumados com esse modelo relacional, os casais acabam não percebendo a existência de violência no relacionamento conjugal

(Williams & Frieze, 2005).

Avaliar a percepção de casais sobre seus relacionamentos, em especial questões delicadas como a violência e o seu impacto na qualidade da relação, precisa abranger diversas variáveis que contemplem o fenômeno. Observa-se que as práticas de violência são comumente utilizadas como uma tentativa, ainda que inadequada, de resolução de conflitos. Seja ela praticada por homens ou mulheres, pode impactar não apenas na redução da qualidade conjugal, mas também na saúde dos indivíduos. Os resultados do presente estudo alertam para os índices elevados de violência e seus impactos na qualidade conjugal, ressaltando para o fato de que, em muitas relações, a ocorrência de violência parece estar naturalizada, tornando-se uma prática usual e viciosa.

Considerações finais

O principal desafio de estudar casais é conseguir contemplar duas individualidades, advindas de contextos familiares diferentes e que levam para a conjugalidade modelos relacionais aprendidos até esta etapa da vida. Procurou-se observar algumas variáveis com maior impacto nos relacionamentos, seja para a promoção de qualidade nas relações ou mesmo geradoras de violência.

Parece ambicioso contemplar variáveis que soam absolutamente opostas, como a qualidade e a violência. Porém, este estudo permite pensar que muitos casais conseguem apresentar níveis de satisfação com a relação, ao passo que também utilizam-se de estratégias disfuncionais como a violência para resolver seus conflitos. Este dado leva a pensar que os casais tendem a naturalizar os atos violentos que acometem a relação, tornando-se uma prática usual na conjugalidade e com isso não é atribuído a devida atenção que este fenômeno precisa receber. A violência, especialmente psicológica, apresentou-se de forma frequente

nesta pesquisa, sendo uma prática que o casal precisa reconhecer, a fim de minimizar a sua ocorrência, pois mesmo que a violência não seja devidamente percebida pelos envolvidos, provoca decréscimo na qualidade conjugal e em curto ou longo prazo poderá trazer danos graves à saúde dos envolvidos. Além disso, foi a variável com maior impacto na qualidade conjugal.

Sabe-se da existência de limitações presentes em todas as pesquisas. Neste estudo, destaca-se as características de renda e escolaridade da amostra que ficaram mais elevadas do que os índices da população em geral, o que precisa ser considerado na compreensão dos achados. Entretanto, este estudo visa contribuir com profissionais da saúde que buscam estratégias de intervenção com casais em situação de violência, pois expande os olhares e permite relativizar os casos, não generalizando o fenômeno e sim considerando as características individuais de cada casal, ao evidenciar que, por vezes, a violência pode ocorrer de forma mais simétrica nos relacionamentos. Acredita-se que um estudo qualitativo abrangendo o fenômeno poderá complementar a avaliação de forma mais específica da percepção que os cônjuges fazem sobre seus relacionamentos, bem como a interface entre a qualidade e a violência conjugal.

Referências bibliográficas

- Ackerman, J. M. (2012). The relevance of relationship satisfaction and continuation to the gender symmetry debate. *Journal of Interpersonal Violence, 27*(18), 3579-3600.
- Anacleto, A. J., Njaine, K., Longo, G. Z., Boing, A. F., & Peres, K. G. (2009). Prevalência e fatores associados à violência entre parceiros íntimos: um estudo de base populacional em Lages, Santa Catarina, Brasil, 2007. *Caderno de Saúde Pública, 25*(4), 800-808.
- Andrade, A. L. de, Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática, 11*(3), 143-156.
- Barreto, A. De C., Maluschke, J. S. N. F. B., Almeida, P. C. de, & Desouza, E. (2009). Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. *Psicologia Reflexão Crítica, 22*(1), 86-92.
- Bolze, S. D. A., Schmidt, B., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L.. (2013). Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais. *Actualidades em Psicologia, 27*(114), 71-85.
- Colossi, P.M. & Falcke, D. (2013). Gritos do Silêncio: A Violência Psicológica no Casal. *Psico, 44*(3), 310-318.
- Casimiro, C. (2008). Violências na conjugalidade: a questão da simetria do gênero. *Análise Social, 188*, 579-601.
- Cortez, M. B., Souza, L., & Queiróz, S. S. D. (2010). Violência entre parceiros íntimos: uma análise relacional. *Revista Psicologia Política, 10*(20), 227-243.
- D'Oliveira, A. F. P. L., Schraiber, L. B., Hanada, H., & Durand, J. (2009). Atenção integral à saúde de mulheres em situação de violência de gênero: uma alternativa para a atenção primária em saúde. *Ciência e saúde coletiva, 14*(4), 1037-1050.
- Dantas-Berger, S. M., & Giffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cadernos de Saúde Pública, 21*(2), 417-425.
- DeMaris, A. (2000). Till discord do us part: The role of physical and verbal conflict in union disruption. *Journal of Marriage and Family, 62*(3), 683-692.

- Diniz, G. R.S. (2013). Até que a vida - ou a morte - os separe: análise de paradoxos das relações violentas. In: Terezinha Feres-Carneiro. (Org). *Casal e Família: transmissão, conflito e violência*. (p. 191 – 216). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Diniz, N. M. F., Lopes, R. L. M., Gesteira, S. M., Alves, S. L. B., & Gomes, N. P. (2003). Violência conjugal: vivências expressas em discursos masculinos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(2), 81-88.
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como preditoras da satisfação conjugal*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Falcke, D., Diehl, J. A., & Wagner, A. (2002). Satisfação conjugal na atualidade. In: A. Wagner. (Org.). *A família em cena: tramas, dramas e transformações* (p. 172-188). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Falcke, D., Oliveira, D. Z. Rosa, L. W. & Bentancur, M. (2009). Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos*, 2(2). 81-90.
- Falcke, D., Wagner, A. & Mosmann, C.P. (2005). Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In: Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: Edipucrs.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia*, 20(46), 269-278.
- Follingstad, D.R. & Edmundson, M. (2010). Is Psychological Abuse Reciprocal in Intimate Relationships? Data from a National Sample of American Adults. *Journal of Family Violence*, 25(5), 495-508.
- Follingstad, D. R., Rogers, M. J., & Duvall, J. L. (2012). Factors predicting relationship satisfaction, investment, and commitment when women report high prevalence of psychological abuse. *Journal of Family Violence*, 27(4), 257-273.
- Gomez, R., & Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: Características psicométricas da versão portuguesa da Dyadic Adjustment Scale. *Análise Psicológica*, 26(4), 625-638.
- Hellmuth, J. C., & McNulty, J. K. (2008). Neuroticism, marital violence, and the moderating role of stress and behavioral skills. *Journal of personality and social psychology*, 95(1), 166.
- Koenig, M. A., Stephenson, R., Ahmed, S., Jejeebhoy, S. J., & Campbell, J. (2006).

- Individual and Contextual Determinants of Domestic Violence in North India. *American Journal of Public Health*, 96(1), 132-138.
- Lamoglia, C. V. A., & Minayo, M. C. D. S. (2009). Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 595-604.
- Lawrence, E., & Bradbury, T. N. (2007). Trajectories of change in physical aggression and marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 236.
- Lopes, R. C. S.; Menezes, C.; Santos, G. P. & Piccinini, C. A. (2006). Ritual de casamento e planejamento do primeiro filho. *Psicologia em Estudo*, 11 (1), 55-61.
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-76.
- Moreira, S. da N. T., Galvão, L. L. L. F., Melo, C. O. M., & Azevedo, G. D. (2008). Violência física contra a mulher na perspectiva de profissionais de saúde. *Saúde Pública*, 42(6), 1053-1058.
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista SPAGESP*, 12(2), 5-16.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Kammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de psicologia*, 9(3), 575-584.
- Perlin, G. D. B. (2006). *Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Rebello, K. Do S. S. (2012). Qualidade da relação conjugal: uma avaliação dos casais residentes no Pará. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará.
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok, S. (1988). *The Golombok Rust Inventory of Marital State*. Windsor: NFER-NELSON.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos (2010a). Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531.

- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos. (2010b). Satisfação com a vida e satisfação diádica: correlações entre construtos de bem-estar. *Psicologia USF*, 15(2), 249-256.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2) development and preliminary psychometric data. *Journal of family issues*, 17(3), 283-316.
- Straus, M. A. 1995. *Manual for the conflict tactics scales*. Durham, Family Research Laboratory, University of New Hampshire.
- Testa, M., & Leonard, K. E. (2001). The impact of marital aggression on women's psychological and marital functioning in a newlywed sample. *Journal of Family Violence*, 16(2), 115-130.
- Vieira, E. M.; Perdoná, G. S. C. & Santos, M. A. (2011). Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 45(4), 730-737.
- Waldemar, J. O. C. (2008). Terapia de casal. In A. V. Cordioli (Org.). *Psicoterapias: abordagens atuais* (pp. 246-262). 3. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Williams, S. L., & Frieze, I. H. (2005). Patterns of violent relationships, psychological distress, and marital satisfaction in a national sample of men and women. *Sex Roles*, 52(11-12), 771-784.

Seção II

Por que eles permanecem juntos? Fatores que contribuem para a permanência em relacionamentos íntimos com presença de violência

Josiane Razera¹

Denise Falcke²

RESUMO

A violência conjugal é reconhecida como um problema de saúde pública e observa-se que muitos casais permanecem nestes relacionamentos, inclusive por um longo período de tempo. Por isso, buscou-se conhecer como os parceiros, inseridos em uma relação íntima com presença de violência conjugal, avaliam seus relacionamentos e que aspectos os levam a permanecer no mesmo. Participaram deste estudo quatro casais que vivenciam situações de violência e permanecem no relacionamento há mais de cinco anos. Realizou-se uma entrevista semi estruturada, a construção do genograma e aplicação da CTS2 (*Revised Conflict Tactics Scale*). A análise foi baseada em estudo de casos múltiplos proposto por Yin (2005). Observou-se estratégias de violência física, psicológica e coerção sexual nos casais, sendo desencadeadas por conflitos ocasionados pela discórdia na educação dos filhos, traições, alcoolismo e questões financeiras. Os casais referem permanecer juntos por diferentes motivos, especialmente o amor que os uniu e a praticidade da convivência. Ainda que os casais tenham relatado abertamente as situações de violência, foi constatada a dificuldade no reconhecimento delas como tal e também a minimização da gravidade do fenômeno e de suas consequências. Considera-se a dificuldade de sair destes relacionamentos, porém é importante salientar que vivenciar estas relações pode trazer danos à saúde dos cônjuges e dos demais envolvidos, inclusive contribuindo para a perpetuação do ciclo de violência.

Palavras-chave: Permanência em relacionamentos violentos, relacionamento conjugal, violência conjugal.

ABSTRACT

Conjugal violence is considered a public health issue, and many couples remain in these relationships, even for long periods. The objective of this study was to investigate how spouses, in intimate relationships with the presence of violence, assessed their own relationships and which aspects led them to remain in it. The participants of this study were four couples who experienced violent episodes and had remained in the relationship for more than 5 years. The procedure involved a semi-structured interview, the construction of a genogram and the application of CTS2 (Revised Conflict Tactics Scale). The analysis was based in multiple case studies, proposed by Yin (2005). The couples showed strategies of physical and psychological violence, as well as sexual coercion, aroused by dissension in the education of children, betrayal, alcoholism, financial issues, and others. The couples explained their remaining together based on the love that initially united them, and practicality of coexistence. Although couples openly mentioned episodes of violence, they

found it difficult to recognize them as such, minimizing the seriousness of the phenomenon and its consequences. Abandoning these relationships may be difficult, but it is important to realize that experiencing these situations may bring negative effects on the health of the spouses and everyone else involved, contributing to a violence cycle perpetuation.

Key-words: remaining in violent relationships, conjugal relationship, conjugal violence.

Introdução

A violência conjugal tem se apresentado com um problema de saúde pública, indiscutivelmente. É considerada uma das formas mais comuns de violência interpessoal (Almeida & Soeiro, 2010) e por se tratar de um fenômeno complexo e multifacetado, sua compreensão torna-se desafiadora (Falcke, Oliveira, Rosa, & Bentancur, 2009). Sabe-se que as relações conjugais violentas trazem prejuízos emocionais a todos os envolvidos, não somente ao casal, mas também aos filhos que testemunham a violência interparental. As ações violentas podem se expressar de diversas formas, porém, as mais frequentes são as agressões psicológicas e verbais, abusos físicos e abusos sexuais (Anacleto, Njaine, Longo, Boing, & Peres, 2009; Lamoglia & Minayo, 2009; Shah et al., 2012).

Os direcionamentos dados às pesquisas que envolvem a temática da violência conjugal são diversos. Destaca-se que muitas delas focam a perspectiva de gênero e atribuem diferentes papéis para homens e mulheres, de agressor e vítima respectivamente. Os reflexos de uma cultura patriarcal seria a principal justificativa assumida pelos autores para ocorrência de relações conjugais violentas (Dantas-Berger & Giffin, 2005; Dias & Machado, 2008; D'Oliveira, Schraiber, Hanada, & Durand, 2009; Gomes, et al., 2012; Kim, Laurent, Capaldi, & Feingold, 2008; Kronbauer & Meneghel, 2005; Lamoglia & Minayo, 2009).

Outro direcionamento crescente apontado por pesquisadores são os estudos que sugerem um entendimento relacional para o fenômeno. Essa perspectiva não desconsidera a influência das questões relacionadas ao gênero, porém instiga para uma multiplicidade de

variáveis que influenciam a ocorrência do fenômeno e para o entendimento da violência como uma ação mais ampla e interacional, em que ambos os cônjuges podem ser coautores da dinâmica conjugal violenta (Colossi & Falcke, 2013; Falcke et al., 2009; Razera, Cenci, & Falcke, 2014; Williams & Frieze, 2005). Em uma pesquisa com 3.578 casais da Espanha, Gómez e Montesino (2014) encontraram, a partir de análises diádicas, índices de até 80% de agressão psicológica bidirecional e 25% de agressão física. Os autores referiram que não necessariamente a violência é simétrica, mas que ambos os cônjuges podem assumir o papel de autor e/ou vítima na relação. Postura semelhante assumiu Straus (2008), que referiu o fenômeno da violência como dinâmico e que os cônjuges podem assumir ambas as posições, agressor e vítima, dependendo da forma que a situação se estabelece.

Na mesma perspectiva interacional, dos 233 casais canadenses pesquisados por Fortin, Guay, Lavoie, Boisvert e Beaudry (2012), 80% das mulheres referiram ter vivenciado pelo menos uma vez agressões psicológicas na relação, enquanto que 78% dos homens apresentaram a mesma vivência. Da amostra, 27% das mulheres e 28% dos homens referiram ter sofrido alguma forma de violência física no relacionamento. Com isso, além do intercâmbio de papéis de vítima e agressor, observa-se que a agressão psicológica tem se apresentado como a violência de maior incidência nos relacionamentos (Colossi & Falcke, 2013; Dantas-Berger & Giffin, 2005; Follingstad & Edmundson, 2010).

As formas de agressão, bem como a intensidade das mesmas, podem variar significativamente de uma relação para outra e, buscando compreender as interações conjugais violentas, Walker, no ano de 1979, apresentou a teoria do ciclo da violência conjugal, compreendendo que ele seria composto por três fases: a Construção da Tensão, etapa na qual ocorrem menores incidentes de brigas e desentendimentos entre os cônjuges, mas que ainda acreditam ter o controle sobre a situação. Na medida em que a tensão aumenta e as habilidades de enfretamento tornam-se ineficazes, inicia-se a segunda fase que se refere à

Tensão Máxima, em que as ações violentas podem chegar ao extremo. Por fim, a terceira fase, denominada Lua de Mel, trata da reconstrução do relacionamento, pois os cônjuges demonstram-se arrependidos e buscam mudanças na forma de se relacionar, a fim de restabelecer a relação. Com o passar do tempo, devido ao desgaste relacional, os casais podem iniciar um novo ciclo (Guimarães, Silva, & Maciel, 2007) e com isso os cônjuges tendem a viver uma relação de diferentes fases, em que a violência se torna um fenômeno cíclico, progressivo e relacional (Falcke et al., 2009).

É válido ressaltar que a chamada fase da Lua de Mel é uma das responsáveis pela permanência dos cônjuges em relações violentas. Esse aprisionamento pode ocorrer pela esperança de um relacionamento melhor baseado nas promessas e no arrependimento do agressor (Falcke et al., 2009). Para Perrone e Nanini (2007), nessa fase ocorre uma espécie de feitiço, em que o agressor convida a vítima para entrar, novamente, na dança da situação abusiva. Ravazzolla, antes disso, já no ano de 1997, falava sobre uma anestesia, ou “duplo-cego”, o que simboliza uma forma de defesa para vítima, em que a mesma tira do consciente as agressões ocorridas e fica incapaz de percebê-las. De certa forma, seria essa uma possibilidade de manter a sobrevivência do relacionamento e, conseqüentemente, permanecer no mesmo, conforme o ciclo da violência.

Relacionamentos conjugais com violência também podem ser compreendidos através de uma perspectiva transgeracional. O modelo relacional violento aprendido na infância pode estar vinculado às formas de relacionar-se na vida adulta (Falcke, 2006; Falcke et al., 2009; Gomes, 2005; Razera, Cenci, & Falcke, 2014). Ao avaliar 87 casais, Karakurt, Keiley e Posada (2013) encontraram associação entre o relacionamento conflituoso presenciado na infância por mulheres e as relações de abuso na vida adulta. Os autores pontuaram que ter presenciado modelos hostis de relacionamento na infância pode ter modelado o comportamento das mulheres para os relacionamentos vivenciados na vida adulta. Ser vítima

ou testemunha de relações violentas na infância pode ser preditor de relações adultas também violentas, bem como, pode ser uma explicação para a naturalização da violência (Marasca, Colossi, & Falcke, 2013).

A permanência dos cônjuges em relacionamentos com violência, inclusive em alguns casos por muito tempo, tem instigado pesquisadores a analisar, até mesmo, a existência ou inexistência de satisfação conjugal com esses relacionamentos (Ackerman, 2012; Follingstad, Rogers, & Duvall, 2012; Lawrence & Bradbury, 2007; Williams & Frieze, 2005). Os estudos apresentam resultados que divergem. Por um lado, percebe-se que a ocorrência de violência pode levar a redução da satisfação, que por sua vez, pode levar a existência de violência na relação, tornando-se um ciclo vicioso (Hellmuth & McNulty, 2008; Lawrence & Bradbury, 2007). Em controvérsia, por outro lado, algumas pesquisas (Follingstad et al., 2012; Williams & Frieze, 2005;) apontaram que também foram observados níveis de satisfação mesmo em relações com violência, podendo oscilar na percepção de homens e mulheres (Ackerman, 2012). Frente à divergência de tais achados, avaliações mais específicas sobre a dinâmica dos relacionamentos conjugais tornam-se fundamentais para melhor compreensão dos aspectos que levam casais em situação de violência permanecerem juntos.

Surge o questionamento: por que, mesmo em contextos sociais atuais que estimulam a denúncia de violência e que facilitam a separação, ainda existem pessoas que permanecem casadas e tornam seus relacionamentos conjugais violentos duradouros? A partir desse questionamento, buscou-se avaliar a percepção dos parceiros, inseridos em uma relação íntima com presença de violência conjugal, sobre como avaliam seus relacionamentos e que aspectos os levam a permanecer no relacionamento.

Método

Trata-se de uma pesquisa exploratória, que teve como base o Estudo de Casos Múltiplos (Yin, 2005). Os estudos de casos podem ser utilizados para investigações empíricas de um fenômeno em seu contexto de vida real, além de permitir a compreensão do que não está claramente definido. Os estudos de casos múltiplos, diferentes do estudo de caso único, que visa estudar casos inéditos, busca seguir a lógica da replicação.

Participantes

Participaram quatro casais heterossexuais, que coabitavam há pelo menos cinco anos e apresentavam alguma forma de violência conjugal, seja física, psicológica e/ou sexual, mensurados por meio da *Revised Conflict Tactics Scale* (CTS2). O perfil dos casais e dos participantes podem ser melhor observados na tabela 01.

Tabela 1: Perfil dos casais participantes

CASAL	Nome	Idade	Escolaridade	Situação Conjugal	Tempo de Namoro	Violência identificada
Casal Praticidade	Davi	38 anos	Ensino Médio	União estável (8 anos)	30 dias	Violência psicológica e coerção sexual
	Dora	44 anos	Ensino Fundamental			
Casal Evolução	Carlos	30 anos	Ensino Fundamental	União Estável (10 anos)	12 dias	Violência física e psicológica
	Cássia	27 anos	Ensino Fundamental			
Casal Eternidade	Luiz	44 anos	Ens. Superior Incompleto	Casados Oficialmente (22 anos)	Um ano e meio	Violência física e lesão corporal
	Laura	43 anos	Ensino Superior			
Casal Aceitação	Pedro	55 anos	Ensino Médio	Casados Oficialmente (28 anos)	7 meses	Violência física
	Paula	47 anos	Ensino Médio			

Instrumentos

Para atender os objetivos deste estudo foram utilizados os seguintes instrumentos:

1) *Revised Conflict Tactics Scales* – CTS2, concebida por Strauss, Hamby, Boney-McCoy e Sugarman. (1996) e adaptada ao português por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002). O instrumento é constituído por 78 itens que descrevem possíveis ações do respondente e, reciprocamente, de seu/sua companheiro/a. É formada por cinco escalas, que tratam das seguintes dimensões: 1) violência física; 2) agressão psicológica; 3) coerção sexual; 4) lesão corporal; 5) negociação.

2) *Entrevista Semiestruturada* – buscou contemplar dados sociodemográficos, além das seguintes questões: a) como ocorreu a escolha dos cônjuges? b) como era o relacionamento conjugal dos cuidadores? c) qual foi a história do relacionamento conjugal? d) como os cônjuges avaliam o relacionamento conjugal que construíram? e) o que os cônjuges consideram como fatores positivos e negativos em seu relacionamento? f) como se manifesta a violência no relacionamento? g) quais os fatores que levam o casal a permanecer juntos?

3) O *genograma* (Carter & McGoldrick, 1995) foi utilizado para compreender a história transgeracional do relacionamento. Esta é uma ferramenta que permite ao pesquisador observar um quadro trigeracional das famílias, além dos movimentos do ciclo vital e os padrões de interação familiar. O genograma é um retrato gráfico que possibilita visualizar e mapear a história familiar, os relacionamentos e funcionamento da mesma.

Procedimentos para coleta e análise de dados

Esta pesquisa seguiu as recomendações éticas para a realização de estudos com seres humanos, através das orientações éticas da Resolução CNS nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde e 026/2000 do Conselho Federal de Psicologia. A pesquisa foi aprovada pelo

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob o parecer número 14/010.

Os casais foram localizados por conveniência, pela indicação de conhecidos, ou pelo banco de dados de um estudo prévio em que os participantes se prontificaram a participar de etapas seguintes da pesquisa. Após a seleção dos casais, agendou-se um encontro. Os participantes receberam informações pertinentes à pesquisa e posteriormente assinaram o termo de compromisso livre e esclarecido (TCLE). A partir do aceite do casal, iniciou-se a construção do genograma, ação que demandou informações dos participantes acerca da conjugalidade e da configuração das respectivas famílias de origem. Posteriormente, foi realizada a entrevista semiestruturada, coletando as informações sociodemográficas e realizando a sequência das questões acima citadas.

A entrevista foi realizada em dois momentos: inicialmente com o casal e, posteriormente, individualmente com cada cônjuge, possibilitando que expressassem o seu ponto de vista, especialmente sobre os aspectos que os fazem permanecer juntos. No final do encontro, os casais responderam a CTS2. A entrevista foi gravada e transcrita pela pesquisadora.

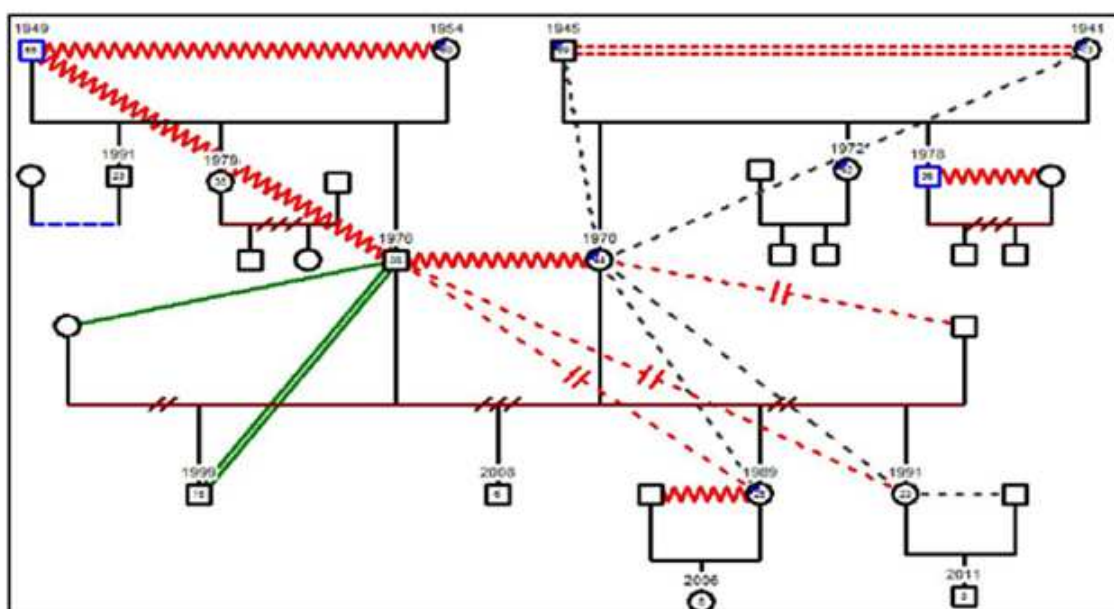
A análise integrativa de cada caso foi realizada, visando compreender a dinâmica de funcionamento do casal inserido em uma relação com violência e os aspectos que foram considerados relevantes para a manutenção do relacionamento. Também foram integrados os dados do genograma na compreensão de cada caso. A partir da análise vertical de cada caso, foi realizada uma análise horizontal, buscando semelhanças e particularidades entre os casos, compondo a síntese de casos cruzados, conforme proposto por Yin (2005).

Apresentação e Discussão dos Resultados

CASO 1 – CASAL PRATICIDADE

O primeiro casal foi identificado como Casal Praticidade, por terem evidenciado, em vários momentos da entrevista, que o aspecto mais saliente da relação e que os faz permanecerem juntos é a praticidade e a comodidade que a mesma oferece. A partir do genograma, podem-se observar os vínculos e a dinâmica das famílias de origem, bem como da família nuclear:

Figura 1: Genograma do Casal Praticidade



Como observado no genograma, Davi teve uma infância conturbada. Os pais vivenciavam um relacionamento permeado por interações violentas e o estilo educativo utilizado com os filhos também baseava-se na agressão. Esses fatos são identificados quando ele comenta: *“eu cresci apanhando muito, vendo o meu pai bater na minha mãe todo dia. Ele bebia, nunca trabalhou, sempre a minha mãe trabalhou e sustentou a família”*. Já Dora viveu em um contexto familiar sem evidências de violência física, porém observou-se que tanto o estilo de relacionamento conjugal quanto o parental pareciam basear-se em uma conduta patriarcal, na qual o pai, chefe da família, fala e os demais membros obedecem. A fala de Dora retrata que: *“na casa do meu pai uma olhada era suficiente e eu cresci vendo a minha mãe obedecer ele em tudo, não sei se é devido a isso que eles estão juntos até hoje ou não”*.

O casal teve um período curto de namoro. Aproximadamente 30 dias após se conhecerem, resolveram morar juntos. Davi refere que essa atitude *“foi idiota de ambas as partes”* enquanto que, para Dora, casar após um mês de namoro foi *“coisa de criança”*. Os cônjuges concordam que um dos principais motivos que os levou a essa decisão foi evitar a solidão. Davi comenta que, no início, quando resolveram casar, tinham o objetivo de *“crescer profissionalmente, alguns não concretizamos, mas o casamento continuou”*. Davi e Dora estão em um relacionamento íntimo a cerca de oito anos, sendo que, no decorrer desse período, passaram por duas separações.

Verificou-se, ao longo da entrevista, que as questões profissionais e financeiras têm sido um pilar de desentendimentos na relação, visto que esse foi um dos principais motivos que resultou na primeira separação. Ao ser questionada sobre os motivos, Dora fala que: *“a gente separou pela história que ele não parava nos lugares [era, seguidamente, demitido], não se adaptava em lugar nenhum e eu cansei [...]”*. Poderia ser essa uma forma de repetição dos padrões familiares vivenciados por Davi, em que o referencial aprendido foi do pai não trabalhar e a casa ser sustentada pela mãe. Contudo, observa-se que Davi também analisa que

as questões relacionadas com dinheiro são motivos de recorrentes discussões. Davi refere que: *“o que eu não gosto que ela faz é gastar demais. Eu acho que a gente podia ter uma vida melhor, com o mesmo salário que a gente tá ganhando”*. Pela descrição que o mesmo faz sobre essas questões, repetem o estilo de relacionamento dos pais de Dora, em que um acaba aceitando as condições do outro, mesmo não concordando: *“a gente brigou por que eu abri a boca e disse que eu achei que tava errado o que ela fez, aí a gente brigou, aí eu fiquei quieto e ela continuou gastando, simples assim”*. Davi fala que nunca houve violência física, mas, ao ser questionado, relata que as divergências são resolvidas no silêncio e no grito *“eu não converso, fico quieto no meu canto, ela, última vez [...] ela começou gritar e gritar muito, eu não gostei muito, mas a minha estratégia é ficar quieto”*.

Embora ele tente transparecer tranquilidade com o manejo da situação, quando questionado sobre os aspectos positivos proporcionados pelo casamento, Davi não consegue responder. Após algum tempo, o mesmo refere: *“estamos juntos, só isso”*. Voltando a reforçar que atualmente fatores negativos da relação estão relacionados com os problemas financeiros do casal. Se permanecem juntos, na visão dele é pela *“comodidade, praticidade, deixa eu ir levando a vida assim que está bom, só isso”*.

Quando Dora é questionada sobre os conflitos do casal, a mesma argumenta: *“olha, no início a gente teve conflitos sérios, motivos? Filhos, tanto do meu lado, quando do dele”*.

No momento em que foi questionada sobre esses conflitos com os filhos, Dora refere o motivo da segunda separação do casal: *“diz que, há seis anos atrás, quando eu tava grávida do Paulinho, ele teria meio que mexido com a Renata (filha mais nova de Dora, na época com 17 anos). Ela nunca me falou nada disso”*. A participante fala de um possível envolvimento entre o marido e a filha mais nova, considerando que a situação foi muito desgastante para ela, de intensas brigas com o marido e os familiares. Ela refere como um dos motivos para uma depressão que viria posteriormente e segue argumentando: *“eu me senti*

muito, muito mal. Não sabia o que fazer, não sabia se voltava, voltei acho que mais pela necessidade e pela solidão”.

Atualmente as brigas do casal tratam da questão dinheiro, a instabilidade de Davi nos empregos e o peso do sustento da casa que reincide sobre Dora: *“eu fico e fico e na hora que explode eu falo coisas que nem queria falar e grito e depois já passa e ponto [...]. Cheguei a dizer que era pra ele pegar a mala e arrumar outro lugar pra viver”.*

Tanto Davi, quanto Dora parecem viver uma relação de pouca troca de afeto, pois ela comenta: *“eu espero de uma relação é uma vida tranquila, não ligo muito pra questão do amor”.* Sobre o que ela considera positivo na relação: *“ele é uma pessoa carinhosa, atencioso até de mais, que eu não sou metade do que ele é”.*

Quando Dora é indagada sobre os aspectos negativos da relação, surgem questões relacionadas à sexualidade do casal, a mesma refere sofrer com a obrigação de manter relações sexuais com o esposo, evitando assim a ocorrência de brigas. *“às vezes fazia a coisa obrigada pra não tá discutindo, pra não tá brigando e saia magoada, já teve muito disso [...]. Aí acabo magoada por semanas por causa disso, isso é bem pesado”.*

Tanto ou mais que ele, a participante resiste para falar sobre os motivos que a levam a permanecer nesta relação. Após um período de silêncio, Dora comenta: *“o filho, eu acho pela necessidade [...] de ter alguém, de me ajudar, eu não dirijo, mais foi pela necessidade mesmo, mas até hoje me sinto mal por causa disso, eu procuro não pensar, porque é uma coisa que ainda me machuca bastante”.*

Entendimento Dinâmico do Caso 1

O casal repete alguns padrões de relacionamento vivenciados nas famílias de origem. Embora Davi refira não haver violência física como no relacionamento de seus pais, fica compreensível que a violência se repete na relação conjugal com Dora, seja pela existência de

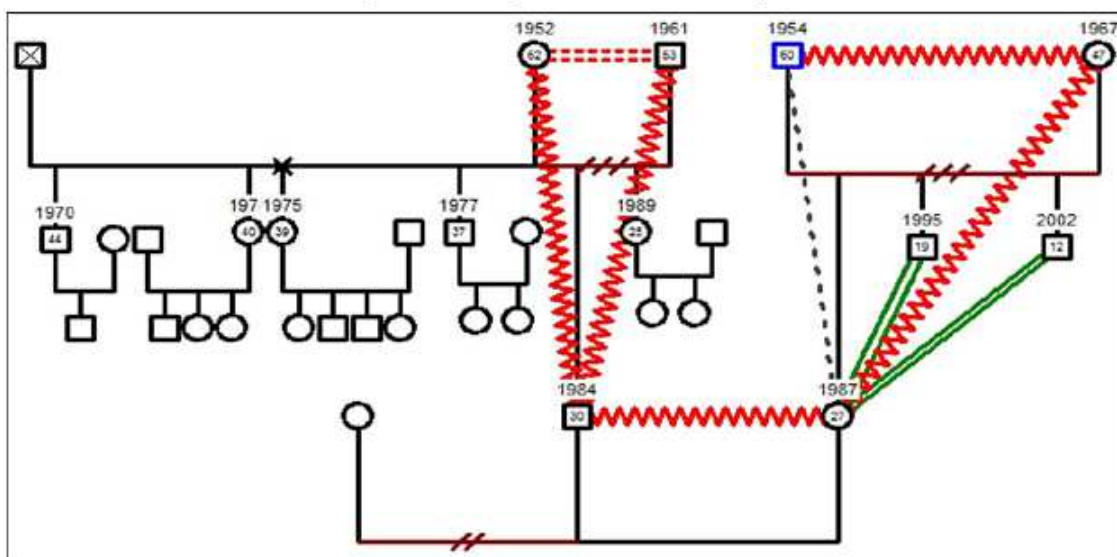
violência psicológica, através de muitos gritos e ofensas, ou pela coerção sexual que ele exerce com a esposa. Em vistas disso, percebe-se que a violência se perpetua transgeracionalmente nessas relações (Falcke, 2006; Karakurt et al., 2013) ainda que de formas diferentes. O mesmo ocorre com Dora, que também repete um padrão de relacionamento dominador, como era o do pai com sua mãe.

Observa-se, no relacionamento de Davi e Dora, a ocorrência de repetidos episódios violentos, por meio de agressões psicológicas, coerção sexual e até mesmo o suposto abuso sexual da filha mais nova de Dora, que, embora não seja considerada uma violência conjugal direta, foi o pilar desencadeador da ocorrência de episódios violentos entre o casal. Observa-se que, em alguns casos, sair do contexto de violência é mais difícil do que permanecer, visto que esta decisão é permeada por medos ainda maiores do que o de sofrer violência, como a questão dos filhos, as questões financeiras, possíveis retaliações e até mesmo o medo relacionado à dificuldade de recomeçar a vida (Silva, Araújo, Valongueiro, & Ludermir, 2012), o que permite compreender quando eles comentam que permanecessem nessa relação por ser mais prático.

CASO 2 – CASAL EVOLUÇÃO

O segundo casal, aqui aludido como Casal Evolução, teve esse nome indicado por citarem, em muitos momentos, que a relação já superou várias situações ruins, evoluiu e por isso permanecem juntos. O genograma apresentado a seguir sinaliza as relações conjugais e familiares.

Figura 2: Genograma do Casal Evolução



Carlos considera que a sua infância foi tranquila e que costumava apanhar quando merecia, “os meus [pais] foram tranquilos [...]”. *Apanhava quando merecia, alguma vez que outra entrava pro chinelo*”. Para Carlos, os pais tiveram um relacionamento tranquilo, que melhorou após uma separação causada por traição do pai. Relata que houve um período conflituoso ocasionado pela separação, porém, após a reconciliação, a relação parece ter melhorado através de mais diálogo.

Por sua vez, Cássia comenta que teve uma infância distante do pai, pois ele ficou separado da mãe até seus oito anos. Em virtude dessa distância, mesmo após ter retornado, não participava muito da educação da filha, enquanto que a mãe utilizava-se de um modelo punitivo, geralmente através de atos violentos: “o meu pai, o pouco que eu acompanhei, sempre foi no grito. Às vezes, eu preferia levar um tapa do que ficar ouvindo aquele grito [...]”. *A mãe batia, mas apanhava assim de chinelo, de vara, não era assim nenhum espancamento sabe, ela sabia bater e batia na hora certa*”. Observa-se que a violência psicológica, evidenciada através dos gritos do pai incomodavam mais Cássia do que a violência física cometida pela mãe. Como o pai bebia, muitas vezes presenciou inúmeras discussões, enquanto que o pai ameaçava: “tu qué vê que eu te arrebento, tu qué vê que te

bato, aí ele xinga ela verbalmente, ele desmoraliza ela". A mãe tinha atitudes de agredir fisicamente o marido, da mesma forma como fazia com os filhos: *"se ela tem alguma coisa na mão e ele começa provocar, ela finca mesmo. Teve uma vez que ela finco até uma moranga na cabeça dele"*.

O período de namoro de Carlos e Cássia foi significativamente curto. Do dia em que se conheceram até decidirem morar juntos, passaram-se apenas 12 dias. O convite para morar juntos partiu de Carlos, quando percebeu que Cássia enfrentava problemas com a mãe, que se mostrava contra o relacionamento. Cássia refere sua principal motivação para assumir o compromisso com o namorado: *"o carinho, a atenção e daí eu decidi que eu não podia deixar passar, e que eu tinha que aproveitar a oportunidade que a vida tava me dando"*.

No decorrer da entrevista, o casal destaca, por diversas vezes, as dificuldades encontradas principalmente no início da relação. Nomeiam a relação como turbulenta. A falta de planejamento fez com que o casal morasse na casa da família de Carlos, outro motivo que os levou a diversas brigas: *"a gente começou os conflitos até pelo jeito de convivência: um teve uma criação, outro teve outra [...]. A gente se pegava sabe, quando eu ficava braba com ele, eu avançava nele e ele me empurrava, se defendia"*.

Quando questionado para a participante sobre os conflitos do casal, a mesma refere que um dos conflitos relacionava-se às questões financeiras e conta a sua história: *"o Carlos não tinha muito compromisso com pagar as contas de casa, então eu assumi tudo [...]. Ele queria mandar no meu salário e não queria me ajudar"*. Outro motivo que gerou inúmeras e sérias brigas na conjugalidade foram as saídas noturnas de Carlos: *"ele posava fora bebendo com os amigos, eu não dormia a noite inteira esperando [...]. Daí quando ele chegava em casa, eu tava com aquela raiva pra explodir nele, né? Aí a gente acabava se batendo"*. No decorrer da entrevista, fica ainda mais clara a existência de violência física, quando Cássia conta: *"foi quando ele me deu um soco no olho, daí arroxou tudo aqui assim e parte branca*

ficou toda vermelha, cor de sangue”.

Cássia refere que geralmente ela começava as brigas, mas, devido à força física, acabava apanhando do esposo: *“eu voava nele, a vontade que eu tinha era de lenhar ele à mordida e unhada, mas daí eu não tinha força e ele acabava se prevalecendo”*. Atualmente, relatam que as agressões são mais psicológicas e que já conseguem conversar mais: *“A última briga faz um mês atrás, a gente discutiu, ele me ofendeu na frente da minha prima e do meu irmão. Ele não conseguia acessar o jogo dele e ele me disse assim: essa imundície não me fala o que o homem mexeu”*.

Foram questionados quais eram os aspectos negativos da relação percebidos pelo casal e Cássia comenta que é difícil conviver com uma pessoa tímida igual ao Carlos: *“é difícil conviver com uma pessoa fechada, tímida [...] e ele não quer que nada atrapalhe, senta no sofá, joga vídeo game, não pode passar na frente. Ah, contrariar ele é motivo de briga”*. Carlos apresenta-se realmente bastante tímido, falando pouco sobre a relação dos dois, mas, quando questionado sobre os conflitos conjugais, bem como os aspectos negativos da relação, ele comenta: *“ah, as vezes ela é muito reinenta, qualquer coisa ela briga. Às vezes ela tá cansada, mas ela tá brigando, então esse é o ponto negativo, né? Então, às vezes, tu fala alguma coisa e parece que é pior, às vezes, até um copo sujo em cima da pia, ela briga”*. Relata que o tempo tem colaborado bastante com o casal, que aprendeu a conversar mais antes de brigar *“depois de tanto tempo a gente já aprendeu a conversar mais e se entende um pouquinho mais também. Então agora em vez de fazer todo gritado, todo aquela oh... então a gente tá se entendendo mais agora”*.

Para ambos, existem vários aspectos positivos na relação e que os fazem conviver juntos até os dias atuais. Carlos comenta que: *“ultimamente, ela anda bem querida também, bem simpática, é uma companheira excelente, bem meiga, bem fofa, bem tudo”*, enquanto que para Cássia os motivos que os fazem permanecer juntos, depois de dez anos, mesmo com

muita violência, resumidamente é: “o amor, eu amo ele mesmo de paixão, por que eu sei que ele tá sempre ali pra me proteger, pra me cuidar, porque como é que tu não vai ter amor por uma pessoa que te faz um chá quando tu tá doente”. Carlos também refere os motivos que os mantêm juntos até os dias atuais: “a confiança um no outro, a amizade que a gente tem, não só por ser marido e mulher, como se a gente fosse um irmão também um do outro”.

Entendimento Dinâmico do Caso 2

O relacionamento de Carlos e Cássia evidencia sérios conflitos conjugais, inicialmente por se tratarem de indivíduos estranhos, que não tiveram tempo hábil para se conhecer e que buscavam administrar as individualidades na construção da conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998). Outro aspecto que se observa é a naturalização da violência vivenciada na infância por ambos, vista por eles como uma forma usual de educação, o que pode refletir-se na forma de se relacionarem também na vida adulta (Marasca, Colossi, & Falcke, 2013). Com relação aos aspectos transgeracionais, observa-se violência na conjugalidade dos pais de Cássia, enquanto que, com relação aos pais de Carlos, foi descrito um episódio de infidelidade, que, em alguns casos, também pode ser considerado uma manifestação de violência (Lusa, 2008; Trindade, Almeida, & Rozendo, 2008). Para Silva, Menezes e Lopes (2010), muitas vezes, os cônjuges podem seguir ou até mesmo querer evitar um modelo relacional vivenciado pelos pais. No caso, observa-se a repetição tanto da violência como da suspeita de infidelidade pelas saídas noturnas de Carlos, que muito irritava Cássia.

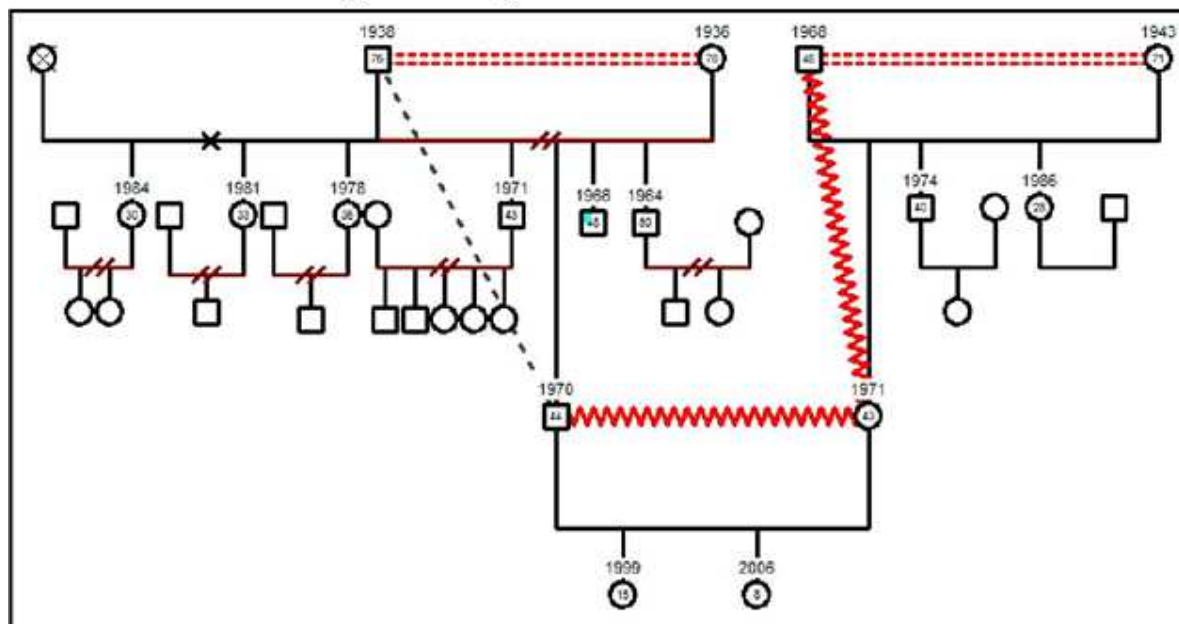
Com o amadurecimento da relação, a intensidade, porém não a quantidade, das brigas do casal foram se atenuando. Os mesmos percebem que conseguiram amadurecer e, com isso, a relação também evoluiu. Embora alguns estudos não associem a idade com a violência conjugal (Vieira et al., 2011), também existe uma perspectiva que dá suporte aos achados

desta associação, que refere que, com o amadurecimento, as pessoas tendem a desenvolver maior tolerância, encontrando outros recursos para resolução dos conflitos (Oliveira et al., 2009). Percebe-se que existem fases de mais cuidado, amor e carinho com o parceiro, bem como a existência de fases de maior tensão, porém o casal ainda consegue restabelecer a relação após as brigas, o que permite pensar que esse modelo de relacionamento violento já se tornou um modelo relacional do casal (Falcke et al., 2009), por vezes sequer percebido.

CASO 3: CASAL ETERNIDADE

O casal a seguir teve este nome atribuído por compreenderem que a relação deles estava pré-destinada e que a mesma não terminará aqui nesta vida. Os dois reverberam um sentimento de completude com a relação e uma vida inimaginável sem o outro, mesmo com graves situações violentas que permeiam a relação. Por meio do genograma do casal, pode-se visualizar os vínculos familiares.

Figura 3: Genograma do Casal Eternidade



Luiz relembra de um passado difícil e de muita superação, pois quando criança o pai abandonou a família para construir um novo relacionamento. No decorrer dos cinco anos

sequentes não manteve contato, inclusive com os filhos. Dessa fase, ele refere: *“a gente não passou por alguma dificuldade, a gente passou por todas. Chegou uma época que a gente comia o que plantava. Eu tinha um pé de couve e mal as folhas nasciam, a gente arrancava”*. Percebe que ficou desamparado e sem muita orientação na época. Lembra-se que a mãe buscou transferir aos filhos o apego que passou a ter na igreja: *“eu tinha que ir pra igreja. Quando eu não quisesse ir, a minha mãe me levava literalmente pendurado pelas orelhas”*.

Nas lembranças de Laura, também surgem sentimentos de abandono, embora seus pais permaneçam ainda casados. Ela cita inúmeras brigas, principalmente por questões financeiras: *“eu me lembro de muitas brigas na minha juventude, muitas brigas na minha infância, mas o diferencial é que, às vezes, o meu pai não voltava”*. Quando comenta a respeito dos estilos educativos dos pais, considera uma grande diferença entre o pai e mãe:

“ele sempre muito duro conosco e a minha mãe sempre vendo o lado melhor das coisas”.

Luiz e Laura se conheceram na faculdade e no decorrer de um ano e meio noivaram e casaram. Atualmente, olham para essa época e consideram que foi relativamente rápido e sem uma estrutura para a nova situação de vida. Para Luiz: *“a gente casou assim, sinceramente, contando com a sorte”*. Para Laura, prevaleceu o conservadorismo e os valores transmitidos pelos pais: *“eu lembro de ter dito que, com o meu pai, só casando”*. Luiz pensa a respeito do casamento como uma união indissolúvel: *“eu aprendi que, quando tu casa, tu casa pra sempre [...], e tu tem que lembrar que aquela companheira é pra essa e pra outra vida”*.

Embora ambos os cônjuges refiram em muitos momentos uma solidez inabalável na relação, também se observou muitos momentos de dificuldades vivenciados por eles. Laura diz: *“nossas discussões sempre são em função dessas questões financeiras, de altos e baixos”*. Em toda a entrevista fica bastante saliente a dificuldade que ela tem em lidar com a falta de dinheiro, até mesmo por ter sido este o principal motivo das brigas dos seus pais. Deparar-se com falta de dinheiro já desencadeou reações extremas nela: *“eu quebrei o dedo*

do meu pé por ter chutado ele, acho que pegou no osso dele por que quebrou meu dedo". Também, observa-se que as agressões partem de ambos os lados. Na mais recente, ocasionada por uma discórdia em relação ao banho da filha, ela conta: *"daí ele se utiliza da força maior dele, me tirou de lá de dentro, me empurrou, trancou a porta e é isso"*. A relação é permeada por brigas que levam o casal ao descontrole emocional e, além de se xingarem, acabam se agredido fisicamente, principalmente através de tapas e empurrões.

A respeito dos aspectos positivos da relação conjugal, Laura fala dos sentimentos que tem por Luiz e o quanto esses são a base que os permite a reconciliação após as brigas. Ela comenta: *"nosso amor é muito forte. Nossa, assim, eu não vivo sem ele e sei que ele não vive sem mim"*. Sempre que se refere ao esposo, ela fala com muito carinho e com emoção. Em diversos momentos da entrevista, referem que a união deles traz muita felicidade: *"eu sou muito grata a Deus, por que é o pai que eu queria pras minhas filhas, é um amigo, é um amante, é um amor mesmo de verdade"*.

Laura, quando questionada sobre os possíveis aspectos negativos da relação, refere que não os percebe, que as brigas são passageiras e que eles sempre acabam se reconciliando depois de algum tempo. Ela refere: *"negativo nada, eu viveria tudo de novo, como foi desde o início. Acho que nós estávamos pré-destinados"*. Além deste sentimento de completude e de amor, ela também comenta que o que os mantêm juntos é o cuidado que um tem com o outro: *"eu cuido dele da minha forma e ele cuida de mim da forma dele e isto é o que nos mantém unidos"*. Ela está ciente dos problemas conjugais que possuem, porém refere que isso acaba sendo menor: *"a gente é feliz, a gente tem esses momentos, mas a gente é feliz, eu posso afirmar, de todo meu coração"*.

Luiz explica que os principais conflitos da relação tratam-se das discórdias em relação à educação das filhas e que isso tem ocasionado diversas agressões físicas: *"eu posso dizer que eu apanhei mais, eu me machuquei mais"*. Quando brigam, observa-se que ambos

perdem o controle. Na percepção de Luiz, empurrar é uma forma de afastar a esposa, como se fosse uma tentativa de terminar com a briga: *“o que eu costumo fazer é tirar ela de perto, então eu pego, seguro e boto pra fora. Aí já teve casos de eu pegar e empurrar e ela cair no chão. Aí eu vou acudir, aí apanho mais por que fui acudir”*.

Questionado sobre os aspectos positivos e negativos da relação, ele comenta: *“tudo pra mim no nosso relacionamento é positivo, não tenho nada de negativo, a gente se dá muito bem. Nós somos bons amigos, bons companheiros, então realmente não tem um ponto negativo”*. Mesmo com situações de desacordos e conflitos que levam a situações de violência, observa-se que existe um sentimento de amor na relação conjugal. Luiz, quando questionado sobre os motivos que os fazem permanecer juntos, refere: *“eu nunca me imaginei sem a Laura. Parece que já veio engessada junto comigo”*.

Entendimento Dinâmico – Caso 3

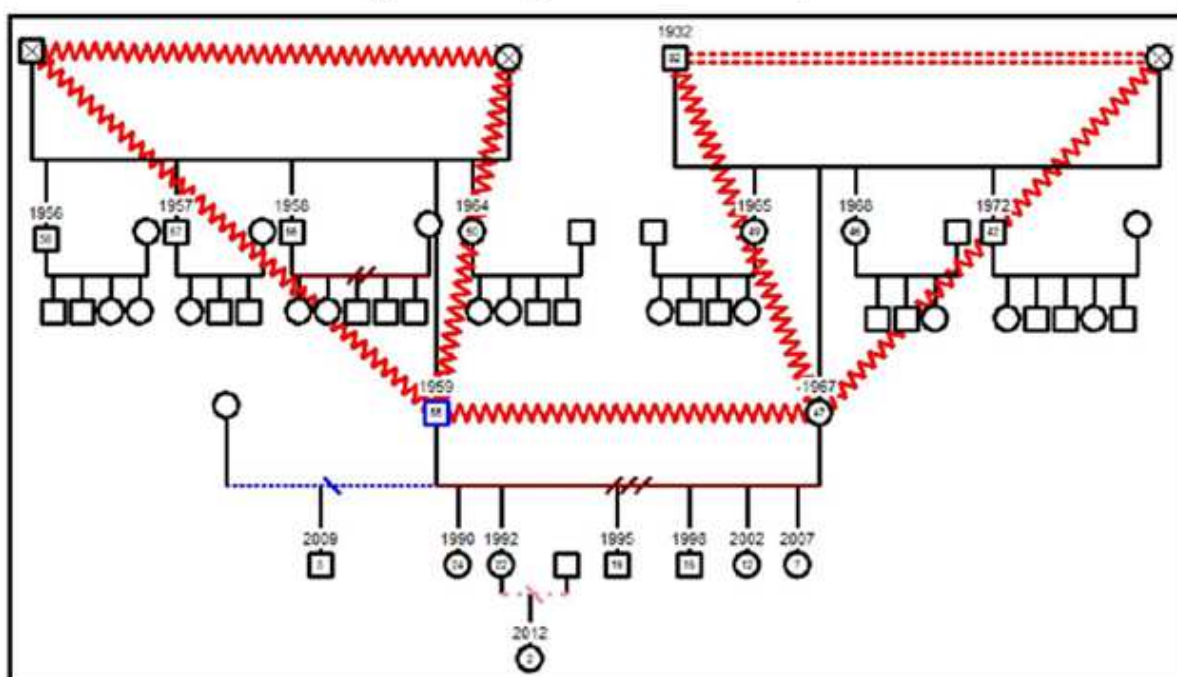
O terceiro casal vive constantemente diferentes ciclos na relação, extremos que vão do amor pleno à lesão corporal. Observa-se uma aceitação dos parceiros para essa condição relacional, podendo-se pensar na concepção de Ravazzolla (1997), a respeito da anestesia que acomete o casal, sendo uma forma de defender a relação que ambos entendem como eterna, e que poderia fragilizar-se caso atribuíssem importância a violência que existe na relação.

É possível pensar em uma dinâmica conjugal contraditória, pois ao mesmo tempo que possui fases hostis, também transferem a sensação de que existe zelo pela relação e que consideram-se felizes e satisfeitos com a mesma. A literatura científica (Follingstad et al., 2012; Williams & Frieze, 2005) já aponta a coexistência de satisfação e violência em relacionamentos, o que parece concretizar-se neste caso. É possível pensar que o ataque e a agressão são entendidos como estratégia de resolução de conflitos, internalizados e compreendidos como natural no relacionamento (Marasca et al., 2013).

CASO 4 – CASAL ACEITAÇÃO

O quarto casal aqui apresentado foi identificado como casal aceitação, pois deixam transparecer um grande esforço em aceitar as adversidades que surgiram no decorrer da relação, bem como tentam aceitar e suportar as divergências que um tem em relação ao outro. Para permanecerem juntos já aceitaram: o alcoolismo, a violência, a desconfiança, a traição e a ausência. O genograma apresenta as relações conjugais e familiares.

Figura 4: Genograma do Casal Aceitação



Pedro conta que recorda seus pais sempre tentando preservar os filhos das brigas do casal. Ele conta como foi a briga mais marcante para ele: *“ele empurrou a minha mãe assim... Ele começou a cobrar da minha mãe, cobrar e a minha mãe falou dos amigos dele e ele se levantou berrando e queria reagir sabe”*. Os pais dele morreram, quando Pedro ainda era criança, mas ficam as recordações de cada um: *“a minha mãe sempre foi uma guerreira,*

sempre foi muito protetora. O meu pai era boêmio, meu pai era mulherengo, era sem vergonha. Mas meu pai nunca deixou faltar nada pra nós". No que se refere à forma como eles agiam com os filhos, Pedro fala que eram bastante rígidos, mas que isso foi, na percepção dele, fundamental para sua educação: *"quando saia fora, o relho pegava. Eu até sinto falta, se eles tivessem comigo agora, as coisas erradas que eu fiz na vida, talvez eu não tivesse feito"*.

Na percepção de Paula, seus pais não tinham uma relação de muitos conflitos, porém de maior submissão: *"o meu pai achava que mulher tinha que ser muito submissa. A minha mãe era submissa a vontade dele"*. Ao mesmo tempo, carrega consigo um legado deixado pelo pai: *"ele dizia que a gente tinha que saber fazer de tudo pra nunca depender de ninguém"*. Com relação a forma com que os pais educavam os filhos, também recorda de ter apanhado bastante: *"eu apanhei muito do meu pai, mas nós era tinhosa. Ele saia pra trabalhar e nós se sumia, passava o dia voando. Aí, claro, quando ele voltava..."*. Parece que a forma de educar, através da agressão, foi e é exercida com os filhos do casal, também, pois ambos consideram como uma prática necessária: *"eu (disse Paula), me denunciaram na delegacia, deram queixa que espanquei. Peguei a criança, fui na delegacia, esperei o delegado me atender: bati e bato, bato eu pra ela não apanhar de vocês amanhã ou depois"*.

As famílias de Pedro e Paula já se conheciam, mas não mantinham contato. Em uma determinada época, ambos se reencontraram e passaram a conversar com mais frequência. Pedro refere: *"o pai dela me convidava pra tomar café na casa deles. Fui pra lá, voltei, aí fiquei indo e indo e ela fugindo."* Em sete meses, eles começaram a namorar e já casaram. Ela comenta: *"muita gente diz que é muito pouco tempo, mas não [...] eu sempre fui muito direta"*. O casal recorda que fizeram uma grande festa de casamento. Pedro fala: *"foi uma festa muito bonita, depois eu me arrependi de não ter ficado até o fim"*.

Conversando com Paula a respeito de seu casamento e dos principais conflitos, ela

revela: *“a gente diverge muito de opinião. Ele acha que eu tenho que falar mais e não, cada um no seu momento”*. O casal já passou por algumas separações. A mais recente foi a mais impactante para a família, pois, no período em que Pedro esteve fora, teve um relacionamento com outra mulher, que acabou engravidando: *“quando ele voltou, essa mulher tava grávida e eu aceitei. Eu sou louca por criança, porque a criança não tem culpa de nada”*. Na percepção dela os principais conflitos são relacionados ao trabalho, pois ele não aceita que ela passe tanto tempo fora de casa: *“ele fala que eu sou ignorante, que eu sou grossa e que já não me abala. Ele fala, eu viro as costas e deixo ele falando, porque ele é muito explosivo”*. Ela também refere que acaba reagindo através de gritos: *“sempre fui muito braba [...]. Quer ver me tirar do sério é começar gritar comigo, eu perco o foco, aí sim, qualquer coisa que me disser eu saio explodindo e também não meço o que vou dizer. Digo o que vem na cabeça, certo ou não, depois eu resolvo”*. No decorrer das discussões, também acabam se agredindo fisicamente: *“se viesse levanta a mão ou me empurra, coisa assim aí eu também partia pra cima”*.

Para Paula, os aspectos positivos da relação referem-se a: *“a gente é bem parceiro, companheiro. A gente é, tipo assim, batalha junto, a gente bota alguma coisa e batalha junto até porque não teria dado tão certo a coisa né”*. Enquanto que, sobre os negativos, refere, novamente, a não aceitação do trabalho dela e mais recentemente o filho que o esposo teve enquanto estavam separados: *“negativos, seria o principal esse negócio de respeitar o espaço, respeitar o meu serviço, [...] porque ele não aceita. Eu trabalho fim de semana, feriado e ele é funcionário público”*. Quanto ao filho: *“às vezes, o filho dele me estressa. [...] Eu vejo que ele fica bajulando o guri, o guri fazendo desaforo, ele pula em cima do meu sofá, nem os meus filhos não fizeram”*. Mesmo considerando as adversidades, na percepção dela, hoje eles ainda permanecem juntos porque: *“eu gosto dele, eu gosto do jeito dele. Ele é alegre, é como eu te disse, o oposto. Eu acho que a gente se completa muito, sabe? Eu sou*

troncuda e ele é alegre [...]. Era isso que eu queria pra minha vida, a minha casa é o meu castelo”.

Pedro, que está em tratamento para o alcoolismo, recorda que quando chegava em casa bêbado e era repreendido, brigava muito com a esposa: *“ofendia ela, ‘vai te embora, da minha vida cuida eu’”*. Além das ofensas, gritos e xingamentos, ele também comenta sobre as agressões físicas: *“Dei tapa na cara, agredia ela, então foi um período bem difícil pra mim”*. Além disso, lembra que as questões financeiras e o trabalho dela são os motivos que desencadeiam as brigas: *“teve um mês do pagamento do aluguel da casa, ‘está aqui os 570,00 reais’, deixei passar dois ou três dias e ela disse que perdeu, não achou. Resumindo, não pagou o aluguel”*. Também, percebe-se que existe uma desconfiança em relação ao tempo que ela passa fora de casa, especialmente, quando ele tenta ligar e ela não atende ou não retorna: *“ah, eu xingo e digo, então está bem, ‘vai lá onde tu tava que devia estar bom’*. *Aí ela diz: ‘ah, eu não sou tu, primeiro problema que teve já pegou outra e arrumou filho’”*.

Com relação aos aspectos positivos que ele percebe na relação com Paula, ele comenta: *“ela é muito parceira, batalhadora, é uma apoiadora. Ela é dinâmica para as coisas, é muito inteligente, tanto em relação à casa e com os filhos”*. Porém, quando ele fala sobre os aspectos negativos da relação, comenta novamente a ausência dela na casa e refere que muitas vezes sente-se sozinho, atribuindo à insegurança uma das causas da traição que cometeu: *“eu me sentia inseguro [...] e talvez, foi isso que me permitiu. Claro, teve algumas outras coisas que eu acumulei”*. Sobre os motivos que os fazem continuar no relacionamento, ele fala: *“ah eu acho que ela gosta de mim e eu gosto dela. Não digo que é amor da minha parte, dela eu acho que sim. Eu é por que eu me sinto seguro e ela é boníssima assim sabe”*.

Entendimento Dinâmico – Caso 4

Observou-se que, embora os cônjuges não tenham recordações sobre o

estabelecimento de um relacionamento violento dos pais, referem ter vivenciado muita violência enquanto filhos e pode ser uma das variáveis associadas às relações violentas na vida adulta (Razera, Cenci, & Falcke, 2014). O alcoolismo, presente no caso, também tem sido uma pré-disposição ao desencadeamento da violência conjugal (Vieira et al., 2011).

Verifica-se que os dois assumem ações violentas e pelo depoimento recebido, ficou mais saliente as agressões cometidas do que propriamente as agressões sofridas. Ambos se vêem mais como protagonistas do que como vítimas. Tanto a violência verbal, quanto a física, é exercida por ambos os cônjuges. Seria possível inferir que nesta relação eles assumem o papel tanto de vítimas como agressores, dependendo da forma como o conflito se estabelece, constituindo-se uma dinâmica violenta interacional (Colossi & Falcke, 2013).

Análise e discussão dos dados

A partir dos casos apresentados é possível constatar que os cônjuges, contemplando suas particularidades, visualizam em atos de violência uma estratégia usual para a tentativa de resolução dos conflitos. Embora de diferentes formas e intensidades, nestes casais, tanto os homens quanto as mulheres utilizaram-se de violência em algum momento da relação. Esse dado reforça a compressão de que a violência pode ser uma ação interacional e que os cônjuges apresentaram-se como coresponsáveis pela dinâmica conjugal atual (Colossi & Falcke, 2013; Williams & Frieze, 2005).

Outro aspecto saliente é a repetição de comportamentos aprendidos ou vivenciados na infância. Padrões de relacionamentos violentos na família de origem podem estar associados aos modelos relacionais transmitidos entre as gerações. Embora compreenda-se que essa repetição não é necessariamente uma regra, também observa-se a tendência à perpetuação da violência em relacionamentos vivenciados na vida adulta (Razera et al., 2014; Silva et al.,

2010). Uma possível explicação para a repetição de comportamentos violentos é a internalização de que estas formas são necessárias para resolver um conflito. Esse padrão relacional pode dificultar o reconhecimento do agravo, colocando os cônjuges e as pessoas envolvidas em situações de risco a saúde, visto que podem chegar a níveis de agressão muito elevados até que possam perceber que estão vivenciando relacionamentos violentos (Karakurt et al., 2013; Marasca et al., 2013). O convívio em ambientes tóxicos pode fazer com que as pessoas minimizem a gravidade da violência ou até mesmo a naturalize em seus relacionamentos, como se fosse algo inevitável de acontecer (Boeckel, 2013).

Observaram-se diferentes motivos para a ocorrência de violência, tais como educação dos filhos, traições, desconfiança, alcoolismo e desentendimentos relacionados às questões financeiras. Estas últimas surgiram muito frequentemente nas falas dos entrevistados, não necessariamente associada ao que quanto eles ganhavam, mas sim a forma que utilizavam o dinheiro e a falta de comunicação e consenso sobre os investimentos familiares, o que tem sido seguidamente apontado pela literatura como preditor de conflitos conjugais (Oliveira et al., 2009; Von Eye & Bogat, 2006).

Analisando os depoimentos destes casais, reitera-se a necessidade de pensá-los a partir de suas particularidades. Notam-se diferentes aspectos relatados como motivos para a permanência nestes relacionamentos, como a praticidade, as crenças de que o casamento é eterno e até mesmo, em especial, o sentimento de amor que uniu o casal e que os mantém vinculado. Em alguns casos, ambos os cônjuges ressaltam a presença de violência, mas a coexistência dessa com cuidado e proteção, podendo-se pensar na presença do ciclo de violência, proposto na literatura (Guimarães, Silva, & Maciel, 2007; Walker, 1979). Os discursos de amor também são utilizados muitas vezes como uma forma de tolerar as práticas

abusivas e violentas da relação (Dias, Manita, Gonçalves, & Machado, 2013), fazendo com que o momento da lua de mel do ciclo seja compreendido como a armadilha do mesmo.

Além da valorização do sentimento que une o casal, também foi observado o quanto, apesar dos casais falarem abertamente sobre episódios de violência, pelo jeito com que são abordados e a minimização da sua gravidade e das suas consequências, pode-se pensar na naturalização da violência (Marasca et al., 2013). Em alguns momentos sendo quase como algo inerente aos relacionamentos, de uma forma geral.

Apesar disso, a violência é uma prática que desfavorece o bem estar dos cônjuges, e que pode provocar danos à saúde de todos os envolvidos, especialmente em longo prazo. Nesse sentido, seria importante que fossem pensadas ações que sinalizem aos casais, da população em geral, que ações violentas são prejudiciais aos relacionamentos e geram sofrimento, sendo possível recorrer a outras formas mais saudáveis de resolução de conflitos que não seja pela agressão. Para tal, estratégias preventivas, como grupos de preparação para o casamento, poderiam ser planejadas, incluindo a temática das estratégias de resolução de conflitos. Considerando que os conflitos serão inevitáveis em qualquer relacionamento, o desenvolvimento de habilidades de negociação com os cônjuges poderia contribuir para a evitação da violência nos relacionamentos.

Considerações Finais

As pesquisas sobre a violência conjugal, embora volumosas, ainda não respondem a muitos questionamentos sobre o fenômeno. Neste estudo, foi discutida a permanência de indivíduos nestas relações e reitera-se que as particularidades de cada caso precisam ser avaliadas. Cada casal apresenta diferentes motivações, tanto para agredir ou ser agredido, como para manter-se nestas relações.

Muitas variáveis estão presentes nestes casos, como a dificuldade de lidar com as particularidades do parceiro, divergências na educação de filhos, desconfiança, questões relacionadas ao dinheiro, entre outras, que se tornam potenciais desencadeadores de conflitos, que na maioria das vezes tentem a ser resolvidos através de estratégias coercitivas, com utilização de violência de diferentes tipos (psicológica, física, sexual). Esse pode ser um padrão de comportamento desenvolvido pelo casal, porém existem muitas evidências de uma ligação com os modelos transgeracionais aprendidos. Fenômeno esse que parece contribuir com a naturalização da violência, como se ela fosse parte de todo e qualquer relacionamento.

Por se tratar de uma amostra não clínica, verifica-se que os participantes não possuem uma compreensão clara de que suas ações são violentas e que podem causar uma série de danos aos envolvidos. Observou-se uma tendência dos casais a falar da violência como um padrão normal de relacionamento, o que se torna uma situação preocupante para os profissionais da psicologia e para a sociedade em geral. Nesta amostra, nenhum casal realizou denúncias, o que nos leva a pensar que os índices reais de violência são muito maiores do que os que existem hoje computados nas estatísticas oficiais sobre o fenômeno.

Percebeu-se uma coexistência de cuidado, de amor e de carinho com as situações de violência. Esses são aspectos muito positivos dos relacionamentos, porém, também indaga-se se esta não é uma forma de minimizar a gravidade dos atos de violência, bem como uma maneira de proteger a relação de uma possível separação, constituindo-se na armadilha do ciclo de violência.

Referências bibliográficas

- Ackerman, J. M. (2012). The relevance of relationship satisfaction and continuation to the gender symmetry debate. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(18), 3579-3600.
- Almeida, I., & Soeiro, C. (2010). Avaliação de risco de violência conjugal: Versão para polícias (SARA: PV). *Análise Psicológica*, 28(1), 179-192.
- Anacleto, A. J., Njaine, K., Longo, G. Z., Boing, A. F., & Peres, K. G. (2009). Prevalência e fatores associados à violência entre parceiros íntimos: um estudo de base populacional em Lages, Santa Catarina, Brasil, 2007. *Caderno de Saúde Pública*, 25(4), 800-808.
- Boeckel, M. (2013). Ambientes Familiares Tóxicos: Impactos da violência conjugal na vinculação entre mães e filhos, no reconhecimento de emoções e nos níveis de cortisol. Tese de Doutorado, PUCRS.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Colossi, P.M. & Falcke, D. (2013). Gritos do Silêncio: A Violência Psicológica no Casal. *Psico*, 44(3), 310-318.
- D'Oliveira, A. F. P. L., Schraiber, L. B., Hanada, H., & Durand, J. (2009). Atenção integral à saúde de mulheres em situação de violência de gênero – uma alternativa para a atenção primária em saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(4), 1037-1050.
- Dantas-Berger, S. M., & Giffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 417-425.
- Dias, A. R. C., & Machado, C. (2008). Gênero e violência conjugal: Uma relação cultural. *Análise Psicológica*, 26(4), 571-586.
- Dias, A. R., Manita, C., Gonçalves, R. A., & Machado, C. (2013). Relações de intimidade juvenis e adultas, uma análise comparativa: Das narrativas de amor às conjugalidades violentas. *Psicologia*, 27(1), 63-89.
- Falcke, D. (2006). Filho de peixe, peixinho é: a importância das experiências na família de origem. *Colóquio*, 3, 83-97.

- Falcke, D., Oliveira, D. Z., Rosa, L. W., & Bentancur, M. (2009). Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos*, 2(2), 81-90.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Follingstad, D. R., Rogers, M. J., & Duvall, J. L. (2012). Factors predicting relationship satisfaction, investment, and commitment when women report high prevalence of psychological abuse. *Journal of Family Violence*, 27(4), 257-273.
- Follingstad, D.R. & Edmundson, M. (2010). Is Psychological Abuse Reciprocal in Intimate Relationships? Data from a National Sample of American Adults. *Journal of Family Violence*, 25(5), 495-508.
- Fortin, I., Guay, S., Lavoie, V., Boisvert, J.-M. & Beaudry, M. (2012). Intimate Partner Violence and Psychological Distress among Young Couples: Analysis of the moderating Effect of Social Support. *Journal of Family Violence*, 27, 63-73.
- Gomes, I. C. (2005). Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso. *Boletim de Psicologia*, 55(123), 177-188.
- Gomes, N. P., Garcia, T. C. S., Conceição, C. D. R., Sampaio, P. D. O., Almeida, V. D. C., & Paixão, G. D. N. (2012). Violência conjugal: elementos que favorecem o reconhecimento do agravo. *Saúde em Debate*, 36(1), 514-522.
- Gómez, J. L. G.; Montesino, M. L. C. (2014). Prevalence of psychological and physical intimate partner aggression in Madrid (Spain): an dyadic analysis. *Psicothema*, 26(3), 343-348.
- Guimarães, F., Silva, E. C. & Maciel, S. A. B. (2007). Mas ele diz que me ama: cegueira relacional e violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(4), 481-482.
- Hellmuth, J. C., & McNulty, J. K. (2008). Neuroticism, marital violence, and the moderating role of stress and behavioral skills. *Journal of personality and social psychology*, 95(1), 166.
- Karakurt, G., Keiley, M. & Posada, M. (2013). Intimate Relationship Aggression in College Couples: Family-of-Origin Violence, Egalitarian Attitude, Attachment Security. *Journal of Family Violence*, 28, 561-575.
- Kim, H. K., Laurent, H. K., Capaldi, D. M., & Feingold, A. (2008). Men's Aggression Toward Women: A 10-Year Panel Study. *Journal of Marriage and Family*, 70(5), 1169-1187.

- Kronbauer, J. F. D., & Meneghel, S. N. (2005). Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Revista Saúde Pública*, 39(5), 695-701.
- Lamoglia, C. V. A., & Minayo, M. C. D. S. (2009). Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 595-604.
- Lawrence, E., & Bradbury, T. N. (2007). Trajectories of change in physical aggression and marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 236.
- Lusa, M.G. (2008). Desconstruindo o heterocentrismo da violência nas relações conjugais. *Revista Katálisis*, 11(1), 149-151.
- Marasca, A., Colossi, P., Falcke, D. (2012). Violência conjugal e família de origem: uma revisão sistemática de 2006 a 2011. *Temas em Psicologia*, 21(1), 221-243.
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cad. Saúde Pública*, 18(1), 163-76.
- Oliveira, J. B. D., Lima, M. C. P., Simão, M. O., Cavariani, M. B., Tucci, A. M., & Kerr-Corrêa, F. (2009). Violência entre parceiros íntimos e álcool: prevalência e fatores associados. *Rev. Panam. Salud Pública*, 26(6), 494-501.
- Perrone, R., & Nannini, M. (2007). *Violencia y abusos sexuales en la familia*. Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Ravazzola, M. C. (1997). “Doble Ciego” o “No Vemos que No Vemos”. In M. C. Ravazzola (Org.), *Histórias Infames: los Maltratos en las Relaciones* (pp. 89-105). Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Razera, J. Cenci, C. M. B. & Falcke, D. (2014). Violência Doméstica e Transgeracionalidade: Um Estudo de Caso. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(1), 47-51.
- Shah, S. H., Rajani, K., Kataria, L., Trivedi, A., Patel, S., & Mehta, K. (2012). Perception and prevalence of domestic violence in the study population. *Industrial psychiatry journal*, 21(2), 137-143.
- Silva, I. M. D., Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2010). Em busca da cara-metade: motivações para a escolha do cônjuge. *Estud. Psicol. (Campinas)*, 27(3), 383-391.

- Silva, R. de A., Araújo, T. V. B. de, Valongueiro, S., & Ludermir, A. B. (2012). Enfrentamento da violência infligida pelo parceiro íntimo por mulheres em área urbana da região Nordeste do Brasil. *Rev. Saúde Pública*, 46(6), 1014-1022.
- Straus, M. A. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university in 32 nations. *Children and Youth Services Review*, 30, 252-275.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2) development and preliminary psychometric data. *Journal of family issues*, 17(3), 283-316.
- Trindade, R. F. C., Almeida, A. M. & Rozendo, C. A. (2008). Infidelidade masculina e violência doméstica: vivência de um grupo de mulheres. *Ciencia Y Enfermeria*, 14(2), 39-46.
- Vieira, E. M.; Perdoná, G. S. C. & Santos, M. A. (2011). Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 45(4), 730-737.
- Von Eye, A. & Bogat, G. A. (2006). Mental health in women experiencing intimate partner violence as the efficiency goal of social welfare functions. *International Journal of Social Welfare*, 15(1), S31-S40.
- Walker, L. 1999. *The Battered Woman Syndrome*. New York, Harper and Row, 338 p.
- Williams, S. L., & Frieze, I. H. (2005). Patterns of violent relationships, psychological distress, and marital satisfaction in a national sample of men and women. *Sex Roles*, 52(11-12), 771-784.
- Williams, S. L., & Frieze, I. H. (2005). Patterns of violent relationships, psychological distress, and marital satisfaction in a national sample of men and women. *Sex Roles*, 52(11-12), 771-784.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso. Planejamento e Métodos*. Bookman, São Paulo, 3ª Edição.

Considerações Finais

Os estudos sobre a violência conjugal circundam no meio acadêmico e científico, porém observa-se a importância de disseminar o conhecimento sobre o fenômeno para a população em geral. Haja vista que muitas pessoas podem estar inseridas nestas relações sem conseguir identificar a violência, o que torna-se uma realidade preocupante, ao passo que, os cônjuges podem deixar a violência chegar a níveis elevados, para então buscar algum recurso.

No decorrer desta dissertação observou-se uma porcentagem significativa de pessoas que referiram sofrer ou ter sofrido violência em algum momento da vida, em especial a agressão psicológica que atingiu níveis superiores a 85% da amostra. Mesmo assim, mais de 66% dos cônjuges identificam que o relacionamento está bom, o que parece ser um dado incoerente. Avaliando a correlação entre as variáveis, identifica-se que quanto mais violência, pior é a avaliação da qualidade conjugal, o que chama a atenção para a necessidade de alerta no reconhecimento da mesma.

Analisando os casos de violência qualitativamente, percebe-se que os casais possuem uma tendência a não reconhecer o que vivenciam como violência ou a minimizar o agravo da situação. Isso pode justificar os altos índices de violência, juntamente com os índices de qualidade conjugal. É possível considerar um ciclo vicioso nesses relacionamentos, de brigas, violência, reconciliação e amor. Essa forma de relacionar-se pode ser compreendida como uma das responsáveis pela manutenção destas relações.

A separação conjugal é uma ação complexa e envolve algumas variáveis, como as questões financeiras e de moradia, emocionais, familiares e filhos, ou seja, pensar em uma separação envolve mudar drasticamente a situação de vida. Frente a essas dificuldades,

alguns casais consideraram permanecer na relação, mesmo que violenta. Todavia, para outros parece que a dificuldade se encontra até mesmo em visualizar como possível a existência de um relacionamento sem violência e, por isso, nem cogitam a possibilidade de separação. Visualizando esse cenário, é primordial que os profissionais da saúde pensem em estratégias de intervenções, visando diminuir os níveis de violência e melhorar a qualidade conjugal e familiar destas pessoas, bem como no desenvolvimento de estratégias preventivas, que promovam estratégias de resolução e conflitos em momento pré conjugal ou nos anos iniciais.

Considerando a existência de limitações nesta pesquisa, reitera-se a importância de dar continuidade a exploração dos temas violência e conjugalidade. Os profissionais da saúde e assistência, especialmente que atuam nos serviços de acesso à rede, precisam estar atentos a possíveis indícios de violência, a fim de que possam auxiliar os casais no reconhecimento e evitação do fenômeno. Caso não sentirem-se preparados para lidar com a violência, poderão inclusive colaborar para a invisibilidade e naturalização do fenômeno.

Por fim, esses casais e as idiosincrasias inerentes as suas relações são os pilares que sustentam o desejo de buscar novos conhecimentos. Há um objetivo maior, que se refere à promoção de melhores formas de relacionamento e, conseqüentemente mais saúde, pois esta é a missão de um profissional Psicólogo. Sabe-se que a principal vertente da evolução humana é baseada na exploração e na busca pelo saber. Essa pesquisa, caracteriza-se apenas como mais um tijolo para a parede do conhecimento, permanecendo a certeza da importância de continuar lutando por estes casais, que tanto precisam de ajuda para experimentar outros modelos de relacionamento, que não a violência.

Referências bibliográficas

- Anacleto, A. J., Njaine, K., Longo, G. Z., Boing, A. F., & Peres, K. G. (2009). Prevalência e fatores associados à violência entre parceiros íntimos: um estudo de base populacional em Lages, Santa Catarina, Brasil, 2007. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(4), 800-808.
- DeMaris, A. (2000). Till discord do us part: The role of physical and verbal conflict in union disruption. *Journal of Marriage and Family*, 62(3), 683-692.
- Falcke, D., Oliveira, D. Z. D., Rosa, L. W. D., & Bentancur, M. (2009). Violência conjugal: um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos*, 2(2), 81-90.
- Follingstad, D. R., Rogers, M. J., & Duvall, J. L. (2012). Factors predicting relationship satisfaction, investment, and commitment when women report high prevalence of psychological abuse. *Journal of Family Violence*, 27(4), 257-273.
- Hellmuth, J. C., & McNulty, J. K. (2008). Neuroticism, marital violence, and the moderating role of stress and behavioral skills. *Journal of personality and social psychology*, 95(1), 166.
- Lawrence, E., & Bradbury, T. N. (2007). Trajectories of change in physical aggression and marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 236.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudos de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Rosa, A. G. da, Boing, A. F., Büchele, F., de Oliveira, W. F., & Coelho, E. B. S. (2008). A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. *Saúde e sociedade*, 17(3), 152-160.